

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

**O Lugar do Artesanato na Sociedade Contemporânea:
Uberlândia 1970-2004**

Marinalda Oliveira Moreira

Marinalda Oliveira Moreira

**O Lugar do Artesanato na Sociedade Contemporânea:
Uberlândia 1970-2004**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof. Dr. Hermetes Reis de Araújo

Uberlândia, Janeiro de 2005.

Marinalda Oliveira Moreira

**Lugar do Artesanato na Sociedade Contemporânea:
Uberlândia 1970-2004**

Banca Examinadora

Profº. Dr. Hermetes Reis Araújo – Orientador

Prof. Dr. José Carlos Gomes da Silva

Profª. Drª. Christina da Silva Roquette Lopreato

Dedico este trabalho aos meus pais e minha irmã, pelo carinho e amor empenhados. No decorrer de toda minha existência estiveram com seus olhos sempre voltados com uma atenção ininterrupta a mim. O amor deles é que sempre me deu sustentabilidade para enfrentar as adversidades da vida. Fizeram suas ações imbuídas de ternura , ofereço este simples trabalho à Alzira Oliveira Moreira, José Moreira de Castro e a Rizeuda Moreira de Castro com toda minha gratidão.

Agradecimentos

Ao me aventurar pelo universo do curso de História, não imaginava me deparar com a gama de experiências que vivenciei juntamente com amigos os quais conquistei ao longo do curso, e os quais levarei por toda a vida. Por isso agradeço de fato aos meus amigos: Kellen Machado, Márcio Vital Silva, Viviam Parreira Silva, Roberta Lourenço, Amanda Lourenço, Gláucia Domingues, os quais contribuíram para o meu enriquecimento enquanto um ser capaz de ser ator de sua própria história, sempre estimulando e criticando nos momentos em que deveriam. Inesquecíveis foram as viagens por nós realizadas, em que t conhecemos uma parte da nossa cultura tão variada e encantadora do nosso país. Aos colegas de turma: Ylana, Luciana, Adalberto, Fábio Júnior, Alan, Walmir e Camila.

Pela contribuição, aos entrevistados: Ilze Fulanete, José Alencar da Silva, Marcos Antonio de Oliveira, Moarlem Dormelis, Warci Miranda Brito e Zanita Rosa de Souza.

Ao grupo de Dança Baiadô que foi fundamental no meu processo de formação, assim como as pessoas que o integram: Renata Meira, Cristiano Leonardo Ferreira de Souza, Vanessa Bianca Sgalheira, Gleison Arcanjo, Letícia Brito e Silva, José Pedro Simeão Alves, Deborah Maia de Lima, Tiago, Túlio e Lilian. Chegou em minha vida com toda alegria que um grupo que trabalha com a cultura popular dispõe, com muito colorido espalhando risos e coloridos cheios de magia, para a gente que o viu e continuar ver e sente o seu batuque quente.

Aos professores Ana Paula Cantelli e Sérgio Paulo Moraes, com os quais aprendi como deve se compor um verdadeiro educador envolto pelo manto da dignidade e da humildade, dirigindo todo respeito a nós discentes no decorrer do curso de História, nestes grandes docentes obtive verdadeiros ensinamentos de como deve se portar um verdadeiro professor, estar sempre revigorado por uma esperança incessante que regenera quotidianamente o amor pela construção de um ensino crítico e verdadeiro.

Pelo acompanhamento e dedicação ao meu orientador Hermetes Araújo que trilhou junto comigo o longo percurso até a conclusão deste trabalho, instruindo e instigando-me, desde o início sempre demonstrou sua atenciosidade no seu trabalho de orientação.

E agradeço gentilmente a mim mesma por tudo.

Sumário

Introdução.....	8
Capítulo 1: Desemprego.....	15
Capítulo 2: Artesanato.....	24
Considerações Finais.....	46
Anexos.....	48
Fontes pesquisadas.....	57
Bibliografia.....	58

Resumo

Esta monografia analisa o exercício do artesanato em Uberlândia no período entre 1970 e 2004, hoje representado principalmente pela Associação dos Artesãos de Uberlândia.

Ainda proponho uma avaliação das interferências que atuam sobre a prática do artesanato. Neste contexto assistimos a ausência de uma política que vise preservar e ampliar a atuação desse tipo de atividade, de modo a se compor como uma alternativa para a crise do desemprego.

As circunstâncias sobre as quais o artesanato dá-se são degradadas, embora seja crescente o reconhecimento do trabalho manual na cidade, já que nele se imprime a capacidade criadora do artesão, diferente da reprodução de mercadorias promovidas pela produção em série. O que não significa competir com o produto industrializado, mas estas produções diferentes podem se transcorrer sem o prejuízo para ambas

Chamando a atenção para a importância de que esta profissão não se reduza a remediar o problema econômico daqueles que se encontram em condições de vida miserável nos centros urbanos. Mas partindo desta, vir a reestruturar sua concepção sobre o trabalho, dispondo de condições plenas para estes lutarem contra as condições deterioradas que lhe são oferecidas para sobreviver.

Para a viabilidade destas práticas é imprescindível implantar investimentos, ancorados em treinamento e capacitação. Para que além de sobreviver deste trabalho, gerindo sua própria produção, este não caia na redundância de reproduzir as práticas do mercado atual, que exclui a grande maioria da população.

Para abordar o tema foi utilizada principalmente a fonte oral, como instrumento na obtenção de informações de como os entrevistados entendem as suas experiências na atuação da profissão. Por meio dela pude entender como se desenrola praticamente a atuação destes sujeitos.

Introdução

Este trabalho se atém sobre as práticas que orientam o artesanato na cidade de Uberlândia. Ele estuda as diversas interpretações que a sociedade contemporânea, a qual durante muito tempo hostilizou este tipo de atividade em detrimento de uma super valorização dos produtos industrializados, atualmente atribui aos produtos confeccionados à mão. A resistência ao trabalho manual esteve ligada à idéia desse tipo de atividade pertencer a práticas passadas, e conseqüentemente ultrapassadas ou em desuso.

Porém não se pode desprezar a presença do artesão na cidade, que vem dando mostras de seu crescimento e fortalecimento, deixando para trás atitudes preconceituosas, como o tratamento que lhe fora dado considerando-o como pertencente um tempo passado, e que, portanto não teria razão de perdurar diante do grau de produtividade alcançado pela industrialização.

O artesanato é uma expressão humana, presente em seu processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento de técnicas. Não é simplesmente um costume remanescente de processos históricos passados, mas apesar de todo avanço tecnológico, permanece como ofício vivo e atuante, embora grande parte do conhecimento de práticas manuais tenha se perdido, em detrimento da produção massificada imposta pelo capitalismo.

Desde o século XVIII, com a Revolução Industrial, a busca por uma transformação mais eficiente da matéria-prima, focando um controle sobre o operariado, o qual se baseia na fragmentação do saber fazer, almejando uma produtividade maior, transformou o artesão em um operário, despindo-o do domínio sobre seu ofício. Assim, este foi restringido ao papel de reprodutor numa atividade que comporta a fragmentação de um todo, não permitindo o conhecimento em sua plenitude, ou seja, o saber-fazer é dividido, o executar e o conhecer tornam-se áreas separadas.

Em linhas gerais o artesanato é uma atividade transformadora da matéria-prima, viabilizando a confecção de artigos utilizados para facilitar algumas atividades, ou ainda

tem a função de adorno ou ornamentação, ou desempenha papéis simbólicos ligados ao costume e tradições de uma cultura determinada. Assistimos hoje uma revalorização daquilo que caracteriza o regional, estimulando o turismo. Comunicando uma expressão própria através de sua atividade artesanal e que o diferencia, constituindo assim, oposição à hegemonia dominante de consumo que acaba tornando tudo homogêneo e igual.

O recorte cronológico oferecido neste trabalho data de 1970 a 2004, principalmente devido à institucionalização da Associação representante dos Artesãos na cidade de Uberlândia, e também quando começam a ser produzidas com mais incidência obras que se debruçam sobre a problemática do artesanato no Brasil.

Em Uberlândia o artesanato se configura da seguinte forma: encontramos a Associação dos Artesãos que realiza a “Feira da Gente” todo domingo, e mais recentemente também expõem na praça Tubal Vilela às sextas-feiras, uma vez ao mês. Embora não se trate somente de produtos artesanais, esta feira inclui ainda outros tipos de mercadorias, comercializadas por pessoas que não a confeccionam, e além disso, comporta a área de alimentação. Também encontramos em Uberlândia aqueles que atuam de forma autônoma, por opção ou pelo fato de não disporem de condições financeiras para a aquisição de uma banca na feira, e estão assim, disseminados na comunidade.

A Associação dos Artesãos em Uberlândia foi fundada em 1979 com intuito de compor um local no qual o artesão pudesse expor o fruto de seu trabalho. A partir de então a feira vem congregando mais pessoas que além de exporem todos os domingos na praça Sérgio Pacheco, são convidadas a expor em cidades vizinhas e participar de diversos eventos na cidade. Esta é uma experiência que prova a viabilidade da existência do artesanato na sociedade contemporânea. Esta atividade ainda em formação, precisa de uma política séria, com programas de fomento que torne este artesão capaz de gerir sua produção.

É essencial para a história compreender a dinâmica social do nosso presente, o objeto privilegiado do historiador já não é apenas o movimento sindical politicamente engajado, a articulação deste foi desmantelada e ainda não se sabe como atuar diante do panorama que se apresenta. Devemos assim, nos ater às novas facetas emergidas no

cenário urbano. O artesão revela-se como alguém com idéias criadoras, a transformar a matéria prima manualmente, que precede a obtenção do objeto para comercialização.

O conhecimento em história é considerado um permanente devir, jamais estará acabado, enquanto a existência dos homens perdurar. Novos conceitos se colocam, outros obsoletos são descartados, é a chamada dinâmica histórica. É esta força a impulsionadora na vontade de compreender a vivência histórica do homem em conjunto com outros homens. Refletir sobre um recorte histórico traz em si a percepção a respeito de como fazemos política, cultura, bem como transformamos e damos continuidade a valores e tradições, economia, dentre outras formas de vivência.

O objeto de pesquisa em história, por si só não traduz nenhuma significação. Só estará atribuído desta no instante da problematização auferida pelo historiador. É a leitura e sua interpretação que atribuirá relevância ao tema analisado. O documento não fala sozinho, precisa de um intermediário, o historiador, para esmiuçá-lo, provocando nele as perguntas pertinentes a fim de constatar o que há nele de apreciável para reflexão da história dos homens.

A Nova História, fundada na França pela Escola dos Annales procura novos instrumentos para manusear os fatos históricos, ofertando outros enfoques, retirando-o da história dos grandes feitos, dos homens políticos. Inaugura um novo modo de interpretações, desprendendo-se da historiografia que privilegia a Europa, minimizando a história de outras civilizações, tendo aquele continente como condutor da história mundial. Até hoje ainda nos encontramos arraigados neste modelo, entretanto foi iniciado um movimento de resistência, que não identifica a Europa como o componente único formador da cultura mundial, mas vê esta cultura como algo assentado na diversidade dos povos, que não deve ser marginalizada.

O que a Escola dos Annales nos oferece é a ampliação daquilo que é considerado um documento histórico, abrindo um leque de possibilidades no âmbito da pesquisa, um enriquecimento, considerando-se que o fazer histórico está entrelaçado com tudo que advém do homem, suas ações e seus desdobramentos. Com isso o documento histórico não está mais limitado à escrita, mas se torna múltiplo.

Outro fato marcante que incitou as condições para a busca permanente de outras fontes que não a escrita foi à observação de que esta fonte é preservada a fim de servir a dados interesses, selecionando apenas aquilo que vai ao encontro da permanência do poder, surtindo efeitos através de documentos que se preocupam em reforçar a confiança neste, daqueles que se encontram subordinados a este poder. Conhecia-se somente a história sob a óptica dos vencedores, mas os anônimos servidores dos detentores do poder não possuíam seu lugar na história. A partir desse reconhecimento, vários trabalhos começaram a evocar a “história vista de baixo”, constatando a relevância de seu papel histórico.

Assim passou-se a refletir sobre a história como algo que não deve ser escrita para contar a história de uma elite, mas deve estar despida de interesses servidores de uma hierarquia. Deve sim estar comprometida com uma investigação que traga o comprometimento com uma consciência crítica.

Utilizo premissas da Nova História, mantendo um diálogo com suas diretrizes, para destacar o artesão no emaranhado de diversas temáticas no mundo contemporâneo, proponho conhecer os desdobramentos da atuação desses sujeitos na sociedade contemporânea, bem como a influência de fatores externos que fogem ao seu controle, que independem de sua vontade. A análise propiciará sobretudo reconhecer sua contribuição histórica, a fim de fazê-lo cognoscível.

Este trabalho se assenta sobre a experiência dos artesãos, e apoiado nos depoimentos destes, enquanto sujeitos de sua própria história, mantenho um diálogo com a temática, segundo os métodos da história oral. Sobre história oral Yara Khoury, nos diz:

Em nossas perspectivas específicas de estudo, voltadas para a dinâmica social pensada como processo histórico e cultural em constante transformação, forjado por relações complexas, ambíguas e contraditórias, temos procurado focalizar meandros sutis e nuançados da mudança, que se fazem ao longo do tempo, afetando poderosamente modos de viver e de trabalhar de pessoas comuns, de trabalhadores, tanto no meio rural quanto no urbano. Fazendo uso da história oral, nesse caminho, vamos indagando sobre os trabalhos da memória nas narrativas pessoais, sobre as relações entre memória e história e sobre os modos de explorar essas questões nos estudos da experiência cotidiana narrada.¹

¹ ALMEIDA, Paulo Roberto de. KOURY, Yara Aun. História oral e memórias, Entrevista com Alessandro Portelli. In: HISTÓRIA & PERSPECTIVAS, n, 25 e 26 – jul./dez, 2001/jan./jun.2002, p.33.

A história não caminha só, contempla uma comunicação com outras áreas humanísticas, como a antropologia, psicologia e outros. Essa interdisciplinaridade permite aos historiadores uma interlocução com outras áreas do saber. Devendo fazer esta comunicação de forma responsável, sem perder suas próprias diretrizes, estabelece a vantagem de se aproximar de uma formulação mais completa. Portanto, há uma certeza que a história não é um saber fechado em si mesmo.

O mesmo fato pode ser analisado por diferentes historiadores, formados em diferentes escolas, a incidência de interpretações sobre o mesmo fato pode ser variada, sob diferentes circunstâncias, o mesmo objeto ganha inúmeras significações, a depender dos métodos utilizados pelos historiadores. Também devemos considerar que o tempo e o espaço referente ao lugar a que pertence o historiador, incidirá diretamente sobre seu trabalho. Este não vive sozinho, mas em sociedade relacionando-se com outros homens,

e carrega em si valores e aspirações de sua época, tem uma forma própria de ler o mundo. O seu trabalho não estará isento de indagações, perspectivas e problematizações condizentes com a cultura do pesquisador, mas se encontra impregnado destes. Não há uma verdade única em história, existem várias formas de entender um mesmo acontecimento:

...é preciso desiludir-se de início: escrever história não é estabelecer certezas, é estabelecer um feixe de probabilidades. Não é dizer tudo sobre uma determinada realidade, mas explicar o que nela é fundamental. Nem por isso se deve cair numa posição de relativismo, em que todas as especulações interpretativas são permitidas²

A história se desenrola no campo das contradições, estas contradições podem tornar-se cognoscíveis, sobretudo para provocar questões instigantes, que nos fazem curiosos do processo de investigação histórica.

O conceito de trabalho é reformulado constantemente mas sempre está em coerência com o modo como o homem direciona suas necessidades e, neste constante devir, o novo e o velho se misturam. Hoje, as pessoas são aterrorizadas pela competitividade acirrada, aqueles que não estão aptos a disputarem estas vagas se encontram entregues a funções degradantes. Provando a eficácia que o sistema capitalista, regulado pelos seus dirigentes, defensores em primeira instância dos

² BORGES, Vavy Pacheco. O que é história. Editora Brasiliense, São Paulo, 1ª edição 1980, p.66

interesses das grandes instituições, detentores do grande capital e dos meios de produção, possuem para se adaptar a diferentes situações, exercendo de forma dominante a continuidade de seu poder sobre uma maioria expropriada que continua obediente aos ditames ilusórios criados pelo sistema.

Este trabalho demonstra como o artesanato sobrevive num cenário no qual são crescentes práticas cada vez mais aperfeiçoadas para produzir bens de consumo, e que impõem um padrão de comportamento, homogeneizando-o.

Para realização deste trabalho conduzi a problematização principalmente pela utilização da história oral, no desenrolar deste processo entrevistei alguns artesãos, são eles: Zanita Rosa de Souza, Ilze Fulanete, Warci Miranda Brito, Moarlem Domelis, o presidente da Associação dos Artesãos, José Alencar. Além destes também Marcos Antônio de Oliveira que trabalha com projetos para promover o artesanato. Também utilizei uma reportagem do jornal: Correio do Triângulo, dados do IBGE divulgados pelo telejornal Bom Dia Brasil no dia 24/11/2004. Bem como o Estatuto da Associação, e alguns projetos ligados à Divisão de cultura (DICULT), da Universidade Federal de Uberlândia. Consultei ainda alguns sites sobre artesanato, e livros e artigos relacionado ao tema.

O primeiro capítulo trata do desemprego e sua relação com aumento da atividade artesanal. O segundo capítulo trata diretamente da situação do artesanato na cidade de Uberlândia. Ao final acrescentamos os anexos, 1, 2 e 3, para ilustrar melhor a importância da atividade artesanal na cidade.

Esta monografia não pretende esgotar o assunto, mas sim se configurar enquanto uma contribuição para a questão proposta. Trazer reflexões, e incitar a emergência de novas questões a respeito do tema, unindo novas contribuições a respeito do artesanato, que este esteja cada vez mais em voga dentro e fora da academia.

CAPITULO I

Desemprego

Antes de entrar efetivamente na discussão sobre o desemprego, devemos nos munir com alguns elementos a respeito de características que explicitam alguns fatos para o entendimento mais claro sobre o assunto.

Nos anos 30 a corrida pela modernização leva o Brasil a um intenso processo de mudanças. A maioria da população predominantemente agrária é expulsa do campo e reagrupada nos centros urbanos. A integração com a civilização ocidental capitalista tornou-se prerrogativa para o desenvolvimento do país. A política de industrialização visava em primeira instância à substituição de importações. De forma mais intensificada verificamos a partir da década de 60 um empenho político em desenvolver uma indústria nacional, ocorre o chamado “milagre econômico”, a almejada modernização da economia brasileira é obtida à custa de um enorme endividamento, o Brasil não consegue desenvolver uma economia auto-sustentável, mas entra num ciclo vicioso de dependência de capital estrangeiro. O capitalismo mundial contemporâneo é regido pelo neoliberalismo, ditando normas por meio do FMI e do Banco Mundial, sobre como as economias de países pobres devem se comportar. Devendo adequar-se às exigências do mercado mundial, esta política faz aumentar a exclusão e a miséria, em benefício dos grandes detentores de capital.

É também neste período, da década de 60, com o golpe militar, que a mídia passa a exercer um papel essencial no processo de massificação da sociedade. A mídia passa a difundir na sociedade idéias que têm como objetivos, a despolitização da sociedade e o apelo do mercado ao consumismo. A partir de então o controle da massa da sociedade brasileira passa a significar para os proprietários com interesses privados o controle da opinião desse grande contingente de pessoas. Presenciamos a impulsão da indústria cultural, fixando novos padrões a serem seguidos. As pessoas são “convidadas” a desfrutar do mundo maravilhoso da mercadoria, direcionados principalmente pela televisão, com esta ditando o que deve ser consumido. A maior eficiência deste novo modelo adotado pelo capitalismo está em utilizar elementos de

manipulação que garantam a desigualdade com ausência de turbulências, iniciativas que direcionam os seres humanos ao papel de consumidores e reprodutores do mercado.

Já é bem conhecido o duplo caráter da centralidade capitalista: lugar de consumo e consumo de lugar. Os comércios se densificam no centro que atrai os comércios raros, os produtos e gêneros de luxo. Esta centralidade se instala com predileção nos antigos núcleos, nos espaços apropriados no decorrer da história anterior. Pode dispensar isso tudo. Nesses lugares privilegiados, o consumidor também vem consumir o espaço: o aglomerado dos objetos nas lojas, vitrinas, mostras, torna-se razão e pretexto para a reunião das pessoas; elas vêem, olham, falam, falam-se. É o local de encontro, a partir do aglomerado das coisas. Aquilo que se diz e se escreve é antes de mais nada o mundo da mercadoria, a linguagem das mercadorias, a glória e a extensão do valor de troca. Este tende a reabsorver o valor e uso na troca e no valor da troca.³

A vida é gerida de acordo com padrões do consumismo. Disseminando a idéia de comprar a melhor existência aliada ao consumir dado produto. Para o nosso tempo o fato de possuir um carro é um fator determinante, um prazer, significa status, e todos o almejam. Representa a maneira como é vista e determina sua sociabilização com os demais indivíduos. Os objetos que você pode ou não possuir, determinam seu valor. Este comportamento é entendido como hábito e todos estão engajados nesta corrida desenfreada na conquista de bens materiais.

O Brasil é marcadamente um país subdesenvolvido, em que é crescente a concentração de renda de poucos privilegiados, espoliando a maior parte da população brasileira. Para manter equilibradas suas contas o governo sacrifica cada vez mais o plano social, cortando verbas da educação e saúde, por exemplo. Estas medidas são estabelecidas em acordos firmados com o FMI e o Banco Central. Mesmo agora no governo Lula com a economia esboçando uma certa recuperação, o país ainda está distante de sair da condição de subserviência que desempenha face à economia globalizada.

O desemprego nesta sociedade também ganha uma nova conceituação, a não conquista do emprego é tida como responsabilidade individual, por incompetência direta de cada um, alimentando a competitividade e o individualismo.

Àqueles excluídos neste novo processo lhes é legada a culpa por não se encontrarem devidamente preparados para a execução de dadas tarefas, numa sociedade

³ LEFEBVRE, Henry. "O direito à cidade". In O direito à cidade. São Paulo: Moraes, 1991, pp.130-131.

marcada pela desigualdade, na verdade não há colocação para todos no disputado mercado de trabalho. Nesta corrida são poucos os que conquistam seu espaço. São normatizadas as profundas contradições por uma política de exclusão.

De acordo com Jorge Mattoso a crise de desemprego foi aprofundada com as políticas do governo Fernando Henrique Cardoso, durante a década de 90, que levaram a : “estagnação das receitas, reflexo de políticas que desvalorizam a produção e o emprego nacional”. Ainda de acordo com sua pesquisa:

O Brasil tinha em 1999 apenas 18,3 milhões de assalariados regidos pela CLT contribuindo para o INSS e o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, segundo a GFIP (Guia de Recolhimento do FGTS e Informações à Previdência Social). Por um lado, é um número extremamente baixo se consideradas a população economicamente ativa (PEA) de pouco mais de 70 milhões de trabalhadores.⁴

O desemprego é o problema que mais assombra os homens no mundo contemporâneo. O Estado e outras organizações não conseguem vislumbrar uma solução em curto prazo a fim de remediar esta situação. Assim, as pessoas desintegradas deste processo procuram alternativas de renda para sustentarem a si e suas famílias, criando um novo panorama no cenário econômico, composto de uma categoria de subempregados que praticam atividades, às vezes, insuficientes para manutenção de suas necessidades essenciais de sobrevivência.

Este quadro de crise aguda que afeta o emprego no Brasil se deve a questões de ajustes ao modelo econômico internacional, que prioriza o capital financeiro, e minimiza os custos com a produção, principalmente com a mão de obra. Para o Brasil, que é um país com uma economia dependente, esta fica ainda mais fragilizada e totalmente desprotegida, por não possuir uma produção sustentável diante da competição internacional. Portanto, o país fica nas mãos dos credores internacionais. O prisma do empresariado brasileiro a respeito do governo, neste caso específico de Fernando Henrique Cardoso, acontece da seguinte forma:

As grandes empresas abrem mão do crescimento via produção, outrora eixo nuclear de suas estratégias, e passam rapidamente a acelerar a terceirização de atividades, abandonar linhas de produtos, fechar unidades, racionalizar a produção, importar máquinas e equipamentos, buscar parcerias, fusões ou transferência de controle acionário e reduzir custos, sobretudo da mão-de-

⁴ MATTOSO, Jorge. O Brasil desempregado. Como foram destruídas mais de 3 milhões de empregos nos anos 90. Editora Perseu Abramo, 2ª edição, 2ª reimpressão, p.17.

*obra. Por outro lado, vão aumentar seu lucro não-operacional mediante a ampliação de posições no mercado financeiro, eventualmente mais que compensando as perdas pela redução de seus mercados.*⁵

A criação de riqueza não mais precisa do trabalho, o capital é globalizado, seus detentores irão aplicá-lo no país que lhe oferecer maiores lucros e segurança. Entramos neste jogo, oferecendo aos investidores altos juros, mas este capital é extremamente flexível, pode ser injetado e retirado facilmente, o que para uma economia fragilizada, como a nossa, esta posição se configura como uma subordinação, pois não desenvolvemos uma indústria independente, o país se encontra a mercê da inconstância do capital financeiro.

Por outro lado, a eficiência das máquinas na confecção de bens de produção exige cada vez mais uma mão-de-obra altamente especializada, substituindo o trabalho humano pelo avanço tecnológico assentado na automação. O mercado exige uma produtividade elevada, em contraposição são procuradas formas eficientes para baratear o custo de produção. Cada vez mais o trabalhador é empurrado para fora das indústrias. Os trabalhadores não encontram uma recolocação no universo formal do trabalho, cujas vagas extintas não aparecem em outros lugares.

Entretanto se examinarmos mais de perto as razões que contribuem para acentuar a crise do emprego perceberemos que são bem mais complexas do que a eliminação dos postos nas indústrias. Pois esta crise se deve a uma retração da economia causada pela política adotada pelo país frente ao mercado internacional. De acordo com Jorge Mattoso estas ações se refletem nos crescentes déficits da balança comercial: o país importa mais do que exporta, tornando crescente a dívida do setor público, aniquilando os projetos voltados para o social.

Este panorama amedrontador do mundo contemporâneo, que nega o trabalho, faz com que os trabalhadores venham redimensionar o significado da palavra emprego, buscando uma outra atividade que lhe propicie alguma renda. Lia Vargas em seu trabalho⁶, denomina as economias populares que se formam, de “germes de uma nova cultura do trabalho”. Esta propõe uma saída prática e imediata para o problema do

⁵ Idem, p.20.

⁶ TIRIBA, Lia Vargas. Economia Popular e Produção de uma Nova Cultura do Trabalho: Contradições e Desafios frente à crise do Trabalho Assalariado. In: Gaudêncio Frigoto (org.). *Educação e Crise do Trabalho*. Petrópolis: Vozes 1998, p.194.

desemprego. De forma conjunta, os desempregados, agem no sentido de sanarem suas necessidades de sobrevivência. No que diz respeito à estratégia daqueles deserdados pelo mercado de trabalho, poderíamos considerá-los um paralelo da economia vigente. Mas ao analisarmos mais detalhadamente, esta organização não é uma proposta tal qual a economia dominante que objetiva o lucro. A questão é em que condições atuam estes trabalhadores. Uma delas é a não contribuição com a previdência social, e o seu efeito será a não aposentadoria para esta parcela que exerce o trabalho por conta própria, além de outras perdas dos direitos trabalhistas.

Devemos reconhecer a capacidade do sistema capitalista para repensar suas ações constantemente. No seu surgimento, a prática encontrada a fim de obter uma produtividade mais satisfatória para atender um crescente mercado foi retirar o controle do homem sobre seu próprio trabalho, fracionando-o em várias etapas. Dessa forma também impediam uma produção autônoma. O homem a partir de então foi gradativamente destituído do conhecimento sobre o produto do seu trabalho, e estas ações possibilitaram um controle sobre os trabalhadores, pois estes estavam despidos do conhecimento sobre seu ofício e também de suas ferramentas. Ocasionalmente uma discrepância entre o proletariado e os donos dos meios de produção, o tempo fez com que o descaso com esses trabalhadores ficasse cada vez mais aprofundado, afirmando o poder de detentores dos meios de produção em manter sob domínio a mão de obra utilizada para promover suas riquezas .

A dinâmica do capital é capaz de provocar transformações decisivas nas relações de trabalho, tornando práticas em desuso e criando outras de acordo com seus interesses, conservando sempre um senso racional que leve o capitalista a obter uma lucratividade crescente. “A ruptura do vínculo empregatício formal representa, na prática, a perda de direitos e benefícios sociais.”⁷

Percebemos que o valor simbólico atribuído aos vínculos empregatícios é muito forte ainda na nossa sociedade, não nos damos conta de que estes direitos são cada vez mais restritos a um número menor de trabalhadores.

⁷ JAKOBSEN, Kjeld, MARTINS, Renato e DOMBROWSKI, Osmir (orgs.), SINGER Paul, e POCHMANN, Márcio. Mapa do Trabalho Informal. Perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. 1 edição 2000, Edição Fundação Perseu Abramo, p.5.

Outrora o trabalho assalariado foi disseminado como digno e satisfatório pela ideologia capitalista para manter a disciplinarização dos seus subordinados era dominante. Agora estes valores se vêm dissolvidos pela quebra de laços entre patrões e empregados.

No Brasil a noção de cidadania sempre esteve ligada ao emprego regulamentado, garantido pelo vínculo do empregador com empregado através da carteira de trabalho. Constituía-se assim, a seguridade do trabalhador em desfrutar de todos direitos assegurados neste documento, como fundo de garantia e seguro desemprego, dentre outros. A partir desse novo cenário que se instala no mundo do trabalho a preocupação maior deve ser: qual viés o Estado ou organizações preocupadas com este problema vai propor para que os trabalhadores excluídos do setor formal de trabalho tenham minimamente recursos de proteção social, qualificação e renda.

Hoje o trabalhador não mais luta por melhores condições de trabalho, por aumento de salários, mas luta pelo emprego, por mais mísero que este seja. Uma expressão bastante disseminada no vocabulário popular é: “Antes pingar do que secar”. É relegado aos trabalhadores um conformismo com os baixos salários, já que na sua mentalidade existem pessoas em situações bem piores que a sua, as quais gostariam de estar em seu lugar. O conformismo e ausência de estratégias para traçar caminhos que dêem voz ao proletariado fazem com que cada vez mais os patrões mantenham um domínio eficiente sobre seus empregados.

Diante desse paradoxo deve ser consubstanciada uma organização daqueles expulsos desse mercado a fim de alcançar formas alternativas eficientes de gerar atividades rentáveis. O caminho mais indicado é pensar em grupos sabedores de seus interesses, lutando a favor deles articulando estratégias de cunho social junto às instituições públicas. Devem por isso unir-se para consolidar propostas que repensem esta situação pressionando a fim de impulsionar uma revisão nas dimensões econômica, social e política, para criar uma consciência visando atender os interesses coletivos, questionando e combatendo os antagonismos entre ricos e pobres.

Neste universo marcado pela incerteza, este trabalho se debruça sobre a problemática dos artesãos no município de Uberlândia que, mesmo dispondo de um ofício, estão sujeitos às mesmas dificuldades de colocação no mercado, e permanecem

atuando na sua profissão diante de condições tão dispares. Muitos deles enfrentam condições de trabalho precárias, desprovidas de um projeto político sério que repense a condição sob as quais estes atuam, e dê ferramentas mínimas para o desenvolvimento de suas atividades. Projetos comprometidos com a causa, poderiam restaurar a dignidade de muitos trabalhadores. Também expandiriam aos demais cidadãos da sociedade, com uma qualificação profissional. É preciso um fomento impulsionador desta atividade. Constatamos com a obra de Carlos José da Costa Pereira, o recorte a seguir:

...só mesmo o próprio governo – com a prerrogativa que lhe é imanente de gerar normas e controles, de transferir atribuições, de delegar responsabilidade decisória e de repassar recursos – pode agilizar um processo promocional do artesanato, em que a assistência propriamente dita, é um meio simplesmente. Entre o promocional e o assistencial há uma diferença bastante sutil, mas quem nem por isso, invalida a dicotomia que estabelece. Pode-se dizer que no processo assistencial as coisas são feitas para o artesão e que no promocional, o artesão faz as coisas com as condições que lhe são proporcionadas, não se ensina convencionalmente, mas se mostra o que há a ser aprendido e estimula-se a aprendizagem; não se compra os seus produtos para revenda, mas se procura abrir os canais de comercialização; não se oferece soluções, mas se procura oportunizar a discussão de problemas; e não se cria esquemas apriorísticos de trabalho, mas se busca conhecer a realidade porque nela se encontram todas as alternativas.⁸

Certamente por não ser considerado em proporções econômicas um setor que movimente grande montante de capital, o artesanato não recebe o valor que lhe deveria ser atribuído. O interesse neste caso recairia nas melhorias sociais advindas do trabalho, e não se traduziria em expressivos lucros. Frente à industrialização, a importância dada ao artesanato pelas autoridades é quase nula, é contrastante de um lado o prestígio, de outro o desprezo. Enquanto testemunhamos as brigas fiscais entre diferentes centros urbanos para atrair a instalação de fábricas nas respectivas cidades, concedendo regalias, comumente isentando-as do pagamento de impostos. Estas indústrias empregam um número reduzido de pessoas, e este é o tipo de produção mais recorrente hoje. Utiliza-se uma racionalização de todos os processos de produção, gerida pela alta tecnologia, e assim não é preciso uma grande quantidade de operários neste processo.

Classificamos como uma briga desigual, em que os protegidos são justamente aqueles que dispõem de condições plenas do capital, são os detentores de um poder planejado para atender o interesse neoliberal, em prejuízo dos expropriados, os

⁸ PEREIRA, Carlos Jose da Silva. Artesanato – Definições, o programa nacional de desenvolvimento do artesanato. Brasília: MTB, 1979. p. 116.

trabalhadores. Estes são utilizados na manutenção da hegemonia de uma minoria crescentemente enriquecida.

O alarmante crescimento da exclusão, que expõe a condições precárias a maior parte da população do globo, não é um fenômeno único de países subdesenvolvido como o Brasil, ou mesmo restrito à América Latina, ele está disseminado mundialmente.

Contudo o artesão deve estar atento e encontrar brechas neste mercado para sua atuação, pois mesmo numa organização rígida, servidora de interesses assentada na hierarquia burguesa, deve haver uma interação entre os artesãos, pois agindo em grupo, em forma de cooperativas por exemplo, isto lhes propiciará o poder de barganha na batalha e consolidação do exercício de seu ofício. Da cooperação entre os trabalhadores, compreendemos que:

...todos sejam capazes de compreender os princípios fundamentais da gestão, tendo acesso aos conhecimentos necessários que lhes permita também questionar, opinar, propor mudanças... enfim decidir sobre qual gestão administrativa, financeira jurídica... melhor condiz com os interesses coletivos.⁹

Ao destituir o trabalhador de seu emprego, certamente este vai se sentir desprezado, pois fomos educados numa sociedade pelo trabalho, mas pode ser um fator de incentivo para a partir daí travar reflexões que permita buscar outras referências de concepção do trabalho, ter um ofício como o artesanato, e a partir dele provocar um redirecionamento de suas atividades. Criar outros valores, a partir da inserção em um grupo de pessoas na mesma situação, que repensem esta estrutura, agindo unidos. Ainda vale colocar um problema proposto por Lia Vargas:

...nos cabe indagar em que aspectos e em que medidas as formas não assalariadas de trabalho empreendidas pelos setores populares fazem coro com os projetos de deterioração das relações de trabalho, hoje tão fortemente presentes no processo de reestruturação produtiva e de globalização da economia.¹⁰

Além de procurar valorizar o artesão, também a partir de iniciativas de implementar a arte de fazer-se com as próprias mãos para outras pessoas, o artesão repassaria o saber a outros indivíduos, recebendo instruções de como comercializar o

⁹ TIRIBA, Lia Vargas, op. Cit., p.201.

¹⁰ Idem, p.119.

produto proveniente de seu trabalho por órgãos devidamente capacitados para atuarem nesta área, estes aprendizes seriam aqueles excluídos do trabalho formal, e esta seria uma das alternativas para tornar mais digna a sobrevivência dessas pessoas. Estas atitudes simples evitam o crescimento da marginalidade e retiram os indivíduos ligados a ocupações precárias.

Obviamente esta não é a única solução para a grande massa de desempregados no país, mas deve ser entendida como uma opção dentre outras medidas. Numa sociedade marcada pela desigualdade é natural que haja um grande número de massa de reserva para a indústria, pois desde o começo, a indústria se utilizou dessa estrutura, mas quando este número passa a tomar assombrosas proporções, deve existir uma interferência incisiva do poder público para remediar este quadro.

CAPITULO II

Artesanato

Este trabalho tem o propósito de analisar, sob a ótica histórica, alguns elementos sobre a presença do artesanato em Uberlândia. Partindo desse ponto vamos inicialmente levantar alguns pontos para um primeiro reconhecimento do tema.

Esta atividade está intimamente ligada com o tempo e espaço em que é produzida, em outras culturas, como a indígena, precedente ao contato com o português, o artesanato era vezes ornamento, utensílios, feito e utilizado pela comunidade. Mas o artesanato praticado atualmente se trata de uma atividade voltada antes de tudo para garantir uma renda que possa propiciar a sobrevivência do artesão. Nem sempre o artesão esteve integralmente dedicado ao seu ofício, mas levado pelas circunstâncias de desemprego, este acaba se consolidando enquanto uma saída viável de sustento, como podemos verificar na entrevista com o artesão Moarlem Dormelis que integra a Associação dos artesãos:

Eu escolhi a profissão porque eu gosto, sempre gostei, desde a idade, aí dos treze anos, eu sempre gostei de artesanato. Minha mãe sempre trabalhou com crochê, com essas coisas, também tipo assim, acaba tendo no sangue, né. Meu avô é cigano, minha mãe é cigana, então acaba influenciando. Esse pessoal todos são artesãos, mexe com um monte de coisa, né. Vive viajando e tal. O artesanato sempre me atraiu, trabalhar com pessoas é uma coisa que me atrai. E também foi tipo assim, de repente eu me vi desempregado e vi no artesanato um meio de sobrevivência e resolvi arriscar e tô até hoje. Enquanto tiver me dando prazer eu vou continuar¹¹.

Não podemos tratar o artesanato separado das influências, das necessidades e propósitos do praticante desta atividade em consonância com o tempo em que vive. As relações que se estabelecem nesta conjuntura são outras daquelas constatadas em épocas distintas. A sua inserção na economia foi viabilizada à revelia do emprego dito formal.

É constatada uma diminuição efetiva do operariado e, para sobreviver o cidadão se submete a condições precárias de trabalho. Para a nova economia mundial, a

¹¹ Moarlem Dormelis. Artesão que produz bijuterias, integrado à Associação dos Artesãos. Entrevista realizada em 20/10/2004.

produção não é mais essencial, mas torna-se secundária, transferindo sua importância para o capital especulativo.

O artesão não mantém seu ofício porque considera que está conservando artes e artigos. Mas o produto feito à mão possui características próprias trás um conteúdo diferente daquele que norteia, por exemplo, uma mercadoria fabricada em grande escala, a qual não permite nenhuma experiência que alcance a criação, o experimentar, colocando em exercício a criatividade daquele que executa, mas se dá principalmente pelo fato de sobreviver com este trabalho. Já que as mudanças no mundo do trabalho tendem a diminuir consideravelmente o emprego formal, esta ação implica uma reação que tende a encontrar meios de exercer uma atividade geradora de renda no interior da estrutura do capital. Ou seja, sem causar conflitos diretos com as condições já estabelecidas pelo sistema.

De acordo com Karl Marx¹², os homens não fazem a história que querem, mas de acordo com as condições históricas encontradas. A feira é alvo de críticas, uma delas feita pelo Marcos Antônio de Oliveira, o qual já esteve envolvido em alguns projetos que se referem ao artesanato, como aqueles propostos pela DICULT, da Universidade Federal de Uberlândia (**ANEXO 1**), que acabaram engavetados em detrimento da falta de fomento para sua realização. As considerações pessoais do entrevistado sobre estes projetos se opõem ao grau de importância dada à comercialização dos produtos na Feira realizada pela Associação dos Artesãos, não possuindo um projeto significativo de valorização do artesanato. Como podemos verificar em sua entrevista:

Quando foi implantado o projeto eu participei das reuniões para implantação daquele projeto. Se eu não me engano era “Grupo de Mulheres de Negócio”. Eu participei das reuniões para ajudar montar aquele projeto. E depois disso eu não tive mais contato, porque eu fui trabalhar na Universidade. Eu te falo o seguinte: das vezes que eu fui lá, essa é uma opinião minha, eu não notei, assim muita coisa voltada pra artesanato, para o artesão muito não. Achei que era pouco mais comercial, bem mais para se ganhar dinheiro, entendeu. Porque eu achava que tinha que ter um espaço exclusivo pros artesãos, onde produzissem todo artesanato e que fosse uma coisa assim, que elevasse o nome da cidade, como uma coisa interessante para ser divulgado, mas artesanato de verdade mesmo. Que a gente pusesse falar, isso é produzido na cidade de Uberlândia e reflete a nossa história, mas eu nunca vi isso lá. Eu nunca vi isso aqui em Uberlândia, pra falar verdade, não tem essa preocupação. As pessoas não estão interessadas em colocar um centro, a

¹² MARX, KARL. ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã, Editora Hucitec, São Paulo: 11ª edição 1999. p.28.

*intenção na época era ter um centro, e as pessoas pudessem executar o trabalho, também divulgar, vender, comercializar*¹³.

A expansão e o interesse das pessoas em exercer a profissão de artesão estão veiculados diretamente à problemática que aflige toda a esfera dos trabalhadores, o desemprego alarmante é a causa direta, que faz do artesanato um atrativo para as pessoas. Aqui não há uma preocupação com a representação em termos simbólicos daquilo que o artesanato vem interferir no que tange à cultura e costumes de um povo, mas este pensamento, importante para refletir, quando se trata desse tipo de trabalho, acaba sendo encoberto pela questão imediata de atender à exclusão causada pelo mercado, que em virtude da tecnologia não reúne maiores volumes de trabalhadores. Cada vez mais estes são liberados das linhas de produção, há uma redução de mão de obra humana, apenas algumas vagas que exigem um grau de especialização.

O processo de urbanização no Brasil causou paradoxalmente um crescimento econômico e ao mesmo tempo uma profunda pobreza da maioria da população. Esta incoerência resulta numa absurda concentração de renda. Podemos sublinhar com Jorge Matoso: “No final dos anos 70, tínhamos uma complexa estrutura industrial, mas com baixos salários, elevado grau de pobreza absoluta e altíssima concentração de renda”.¹⁴

*Foi quando empunhando a forquilha, avaliou-lhe a altura e a firmeza para sacudir ou vergar o galho de uma árvore e ter seus frutos ao alcance da mão, foi quando calculou o peso e a vara para confeccionar arpão ou a lança foi quando elaborou a forma e a empunhadura do instrumento ergológico com que fez de um tronco uma canoa, foi ainda quando ponderou a resistência e a elasticidade da fibra para o traçado da esteira; quando encontrou a temperatura adequada para o fogo cozer o barro das cerâmicas; quando esculpiu ídolos de pedra ou quando desenhou bisões no fundo das cavernas pintando-os de amarelo (óxido de ferro) e preto (carvão); quando pela primeira vez conseguiu fundir metais encontrados à flor do solo, dando início à metalurgia... e, assim, experimentalmente conhecendo as propriedades dos corpos, criou a noção de matéria-prima..*¹⁵

O artesanato, ou seja o ato de produzir objetos com as mãos é uma atividade presente em toda história do homem, uma tradição que persiste em manter-se viva em diferentes conjunturas econômicas e sociais. Transformando a matéria prima a seu

¹³ Marcos Antônio de Oliveira , funcionário público, trabalha na secretária do meio ambiente no Núcleo do Parque Santa Luzia, com a realização principalmente de oficinas de brinquedos artesanais. Entrevista realizada 08/12/2004.

¹⁴ MATTOSO, Jorge, op. cit., p.10.

¹⁵ PEREIRA, Carlos José da Costa, Artesanato – definições, o programa nacional de desenvolvimento do artesanato. Brasília, mth, 1979, p. 15-16.

dispor, o homem desenvolve habilidades, que iam ao encontro da natureza do local habitado. A análise de objetos materiais produzidos em uma dada sociedade nos permite entender melhor a forma como este povo vivia ou vive e reproduz sua cultura e hábitos. O gesto do fazer incorporado ao cotidiano dos trabalhadores artesãos, representa para nós historiadores um importante aliado na compreensão da história, de como um povo pensa e transforma de maneira criativa a natureza, manejando os objetos para a partir daí criar formas facilitadoras à sua sobrevivência.

A mão em contato com a matéria-prima a transforma, de acordo com as aspirações da cultura a qual pertence o sujeito que atua sobre ela, e também outro fator determinante à sua produção é relacionado à matéria-prima oferecida pelo ambiente em que reside. Podemos citar a este respeito:

Encontramos sempre fortes núcleos de oleiros se a argila é farta e de boa qualidade, no lugar em que existir bambu, taquara ou cambaúba, aí se agrupam, certamente peneireiros e outros especialistas do quadro de trançados vegetais.¹⁶

Um exemplo contemporâneo apreciável é a utilização de materiais recicláveis. A partir daí o conhecimento e desvendar dos mistérios da criação do homem alia a habilidade das mãos com capacidade intelectual. A matéria-prima é o principal componente para chegar à obtenção de objetos a serem comercializados, embora hoje muitas vezes a matéria-prima não seja retirada pelo próprio artesão diretamente da natureza, pois nos centros urbanos pode adquiri-la de fornecedores, ou como foi dito anteriormente, a utilização de materiais recicláveis, sendo um elemento contemporâneo inovador, revela a capacidade desses profissionais em manter um diálogo com o tempo e espaço em que vivem.

Podemos chamar esta nova proposta de um artesanato contemporâneo, que vem desempenhar um papel social, contribuir para a defesa do meio ambiente, transformar objetos descartáveis, que outrora seria lixo, poluiria a natureza e contribuiria para a crescente agressão a ela, em produtos reaproveitados pelos artesãos, ganhando outras formas e utilizado novamente, adquirindo valor, e gerando renda aos trabalhadores. Este fato nos revela a dinâmica, que assenhorada pelo meio, incentivou o reaproveitamento de materiais descartados. Ganhando forma e autenticidade, dependendo do tempo e

¹⁶ MARTINS, Saul. Arte e Artesanato Folclóricos. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de MG 1980, p.23.

espaço em que se dá, revela uma qualidade em manusear novas matérias primas que lhe são apresentadas. Tratando-se de uma atividade humana, possui a singularidade de conter tratamentos diversos, que estão sempre enriquecendo o seu formato bem como sua utilização, seja ela dirigida à utilização doméstica ou como adorno. A respeito da reutilização de objetos que num dado momento serviram a um fim, e fora desprezado por não comportar mais esta função, a criatividade de quem irá reaproveitá-los congrega novos valores a este produto sobre isto o texto de Flávio Mota consegue propor uma contribuição válida para melhor compreensão da discussão sobre o reaproveitamento de objetos descartados, **(Anexo 2)**.

Se levarmos em consideração a conjuntura histórica que vivenciamos, aquela da indústria de massa, identificamos máquinas capazes de produzir grandes quantidades de bens de consumo, e com isso fica excluída a necessidade dos homens “perderem” tempo fabricando objetos com suas próprias mãos. Porém estudos no sentido de demonstrar os motivos para a continuidade do artesanato mesmo neste sistema, a atividade que apresenta produtos inovadores dispensando a atuação humana, Saul Martins nos aponta cinco motivos pelos quais o artesanato não perde sua importância, são elas:

“Sempre haverá trabalhos que escapem à mecanização, exigem habilidade manual, sendo o artesanato insubstituível.”

“Nem todos possuem máquinas, então o artesanato poderá ser a ocupação dos que a não a possuem.”

O artesanato qualifica o trabalhador, ensina pessoa a usar as mãos convenientemente e isto é fundamental para a instalação de qualquer centro tecnológico.”“.

O artesanato estimula o turismo constitui uma opção de lazer e saída para focos de produção ou comercialização artesanais.

O trabalho manual é um passatempo útil e agradável, mesmo a quem possua máquinas, preenche-lhe o tempo ocioso, dá satisfação, tranqüiliza a mente, é uma atividade recreativa.¹⁷

Após os séculos passados da Revolução Industrial até os dias atuais, houve uma fragmentação do processo produtivo que impossibilita o conhecimento completo do trabalhador sobre objeto fabricado pela indústria. Entretanto, o artesanato é responsável pela manutenção do saber e originalidade transformadora da matéria-prima, em que cabe a criatividade do artesão. Assim ele não é somente um reproduzidor e, por mais padronizada que sejam suas peças sempre haverá diferenças entre elas. Permanecendo viva a criatividade das mãos do artesão que dão origem a peças ligadas à sua cultura e à

¹⁷ Idem, p.12.

sua própria individualidade, esta identificação do ser que transforma a matéria prima e a valorização que lhe é dada, não deixa esta atividade cair em desuso.

Aquilo que caracteriza os humanos é a atividade competente de mesclar formas de atuar na vida, compondo assim relações que se entrelaçam tornando a existência mais encantadora e dinâmica. A maneira como o artesanato é praticado na cidade de Uberlândia, permitirá lançar-nos no desafio de compreender a partir dele, do tratamento dado pelo artesão à matéria-prima, qual sua contribuição na constituição da história dos homens. A permanência e resistência daqueles que a praticam deixa cada vez mais claro que o mundo do trabalho não é composto somente pelas máquinas, mas o trabalho manual possui, além do seu valor de uso, outro valor inestimável que é o valor cultural. Segundo o pesquisador Jacques Barrau:

Membro fisiológica e tecnologicamente revolucionário nos primórdios da nossa espécie, a mão, embora hoje ultrapassada por invenções que ela de princípio permitiu, permanece para o homem o símbolo da sua liberdade individual, embora tenha sido e continue a ser um dos factores da sua servidão. A este propósito, como não sermos sensíveis ao fenómeno, hoje comum, que tantos dos nossos contemporâneos apresentam, ao tentarem-se evadir das constricções, mas também das lutas presentes na sociedades industriais, procurando um refúgio ilusório num artesanato que vão praticar de preferência longe das cidades? Procura de uma idade de ouro perdida que teria sido a do trabalho manual? Retorno utópico a uma liberdade sonhada de uma comunidade primitiva feliz, da qual o “fazer à mão” se torna o símbolo.¹⁸

Sob este prisma advém a idéia de entender a história com uma linha evolutiva, tratando alguns hábitos que continuam como resquícios de um dado momento. Este grau de desenvolvimento alcançado atualmente revela uma dualidade, entre ricos e pobres, agravada pela desigualdade crescente. Faço insistir que, ao contrário da afirmação de Barrau, esta prática não é bucólica, é antes de tudo uma forma de acessar o mercado na cidade.

Mas se durante a Idade Média e posteriormente na constituição dos chamados burgos, que deram origem às primeiras cidades burguesas, o artesão era prestigiado, possuía ateliê, tinha sob seu comando aprendizes, estes eram selecionados e podiam se considerar privilegiados, hoje esta representação é diferente e o artesão luta dia-a-dia para não desaparecer nas cidades.

¹⁸ BARRAU, Jacques. “Mão/manufacto”. In: Enciclopédia Einaudi, vol. 16, homo-domesticação, cultura material. Lisboa: imprensa nacional – Casa da Moeda, 1989, p.311.

Acreditou-se em algum momento que o artesanato não caberia neste modelo de modernização. Esta premissa encontrou uma receptividade, o homem moderno estava à procura de produtos sofisticados oferecidos pelas fábricas, felizmente este pensamento vem sofrendo modificações, o universo de valores do mercado reconhece o processo econômico como diversificado e heterogêneo, viabiliza o diálogo de áreas de conhecimento distintas, o mercado traz em si inúmeras possibilidades de atuação, que não estão reduzidas à produção industrial. Precisa o artesão estar preparado para traçar modos eficazes de resistência, defendendo seu espaço neste disputado universo de mercadorias.

A dedicação a este ofício, possui a seu favor o diferencial de oferecer um produto original, no qual imprime características próprias, o seu estilo. Trata-se de uma atividade ímpar, na qual o artesão participa ativamente em todos os momentos de execução do trabalho. Sua obra recebe influências diversas, podendo empenhar-se neste trabalho para atender sua comunidade, bem como a sua comercialização. A respeito das marcas impressas nas obras de cada artesão, nos fala Saul Martins:

*O estilo do artesão empresta originalidade a seus objetos, como se a marca pessoal, enquanto o padrão é a marca do grupo. As peneiras de Cachoeiro, Espírito Santo, são bojudas e as de Bom Despacho aqui em Minas, têm superfície plana. O padrão revela essas diferenças regionais. Semelhantemente pelo exame de cada uma daquelas, pode-se chegar aos respectivos trançadores. Então o estilo que transparece na obra possibilita a identificação do obreiro.*¹⁹

Para orientar o artesão neste sentido, um projeto importante do SEBRAE vem oferecendo cursos. Além disso, para o artesão oferecer um produto diferenciado, e mais aceito pelo mercado, dispõe do curso de design, emprestando originalidade ao seu produto para torná-lo mais competitivo, e também procurando o mercado onde o produto pode encontrar um preço melhor para ser vendido. Este projeto vem atuando em diversas cidades do país. Para compreendermos melhor este programa, citamos:

O Programa SEBRAE de artesanato tem como objetivo a profissionalização de grupos de 15 a 25 artesãos que trabalham com técnicas genuinamente artesanais, típicas de seus municípios, e com uma mesma linha de produtos, que possibilite a sua inserção competitiva no mercado atacadista, garantindo fornecimento com quantidade, qualidade e respeito a prazos de entrega. Os grupos são capacitados tanto técnica, quanto gerencialmente e estimulados a formar uma cooperativa num mesmo segmento de artesanato, garantindo-lhes profissionalização para o trato no mercado de lojistas.

¹⁹ MARTINS, Saul. op. cit. pp. 14-15

*A quem se destina o programa?
O programa é, sobretudo, voltado a artesãos que se dediquem integralmente a
essa atividade e dispostos a trabalhar em grupos.²⁰*

Embora o artesanato se encontre no âmbito da cultura material, necessariamente não se deve entender como objeto separado da cultura imaterial, muito pelo contrário, estes se tocam e em muitos momentos estão entrelaçados. Podemos considerar um exemplo recorrente da cultura uberlandense, no que se concerne à congada, uma festa dos afrodescendentes em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, em que é festejada a luta histórica negra de trabalho e sofrimento dos antepassados escravos. Entendido do que se trata esta manifestação popular, o que nos interessa neste momento é o fato do congadeiro, no dia da festa se sente um artista é o mesmo artesão que borda sua vestimenta e também constrói seus instrumentos musicais. A cultura material se desenvolve neste caso conjuntamente com a cultura não palpável, estas se complementam, se entrelaçam uma com a participação da outra.

São os intelectuais que enxergam-nas separadamente, porque para o sujeito não há diferenciação, tudo é como um composto formador de uma unidade destinada à realização da festa da congada, como citado. Símbolos e significados compõe o universo da cultura. Os conceitos são criados pelos intelectuais a fim de desvendar este universo, para quem é agente da cultura pouca ou nenhuma relevância terá para ele os conceitos. Nós somos quem precisamos esmiuçá-la para entender e registrar esta manifestação dos homens. Visualizamos este tema como um mosaico, em que cada pequena peça carrega em si um significado e representa algo a ser analisado. Já para o portador desta cultura tudo se apresenta como uma teia, um emaranhado que compõe uma unidade.

O artesanato é composto de uma amplitude que vai além da obtenção de um produto para fins comerciais, pois carrega consigo questões humanistas. A feira dos artesãos em Uberlândia nos possibilita visualizar algumas manifestações para fazermos tais afirmações. As pessoas frequentadoras desse espaço recuperam por intermédio da feira o hábito de frequentar a praça para o lazer.

²⁰ Site: www.sebraemg.com.br. Acessado em 03/08/2004

É sabido que na cidade sempre existiu uma mentalidade da elite local de instaurar no cerrado uma grande cidade moderna. Ao desenvolver este tipo de idéia, em contrapartida, o passado e a memória da cidade sempre esteve relegado ao esquecimento. Já foi e ainda é tema presente em pesquisas e monografias no Instituto de História. Vejamos o seguinte trecho de um artigo no jornal local, para uma pequena amostra de como é a mentalidade dessa cidade desenvolvimentista do cerrado:

Enquanto não tiver um grande túnel, Uberlândia não será a metrópole do Cerrado.

Sim um túnel! Afinal, a cidade tem grandes edifícios, viadutos, conjuntos residenciais, um majestoso estádio de futebol como qualquer grande capital, uma trincheira no trânsito, mas ainda não tem um túnel.

*A meta de alguns políticos é construir um túnel e levar a cidade a abrigar 1 milhão de habitantes.*²¹

Os políticos sempre almejaram que a cidade figurasse entre as maiores e melhores cidades modernas do país, tudo é justificado em nome do progresso. Com isso o patrimônio histórico local foi levado ao chão para que se erguesse em seu lugar prédios e outras construções condizentes com a ideologia da elite local em manter a cidade no circuito de cidades desenvolvidas do país. Aliás, procurou-se o erguer uma arquitetura moderna para representar a modernização do lugar. Hoje restam poucos lugares que dispõem de algumas construções que nos remetem à memória daquilo que deu origem ao que somos hoje. Um dos raros lugares para vislumbrar outras épocas é no bairro do Fundinho, onde se conservam algumas construções de valor histórico. O valor dado pela sociedade à sua memória pode ser reconhecido na forma como esta trata o patrimônio identificador de sua cultura. Constatamos com muito desalento o fato de ter sido relegado este patrimônio a situação de uma inferioridade, levando a seu desaparecimento quase completo.

Em relação à cultura material não foi muito diferente, nunca se prestou verdadeiramente à importância devida, muitos saberes considerados expressões da cultura local se perderam com tempo e ainda continuam a se perder.

A falta de recursos e de uma política séria para tratar a questão desestimula as pessoas que guardam estes saberes, impossibilitados de passarem o seu conhecimento às

²¹ SANTOS, Ivan. A caminho da modernidade. In: *Correio do Triângulo*, 05/09/2004, p.A2

próximas gerações, não se tratando de uma atividade rentável, as pessoas não se envolvem em aprender tais habilidades.

Por exemplo, existe o centro de tecelagem na cidade, neste local as senhoras conhecedoras deste ofício exercem a habilidade de fiar, produzindo esplêndidas colchas, mantas, e tapetes, recebem verbas da prefeitura, mas o que deveria ser um fato apreciável, nos revela o descaso com o artesanato. As pessoas que administram a tecelagem não são devidamente preparadas para fazê-lo. Não existe uma preocupação em assegurar que estes conhecimentos não se percam. Outras pessoas não têm acesso aos conhecimentos que poderiam ser transmitidos pelas tecelãs.

Constatamos a inexistência de uma proposta que se concretize em ações sérias, que venha perpetuar este conhecimento. Posto que as mulheres que atuam nesta atividade são senhoras. E quando elas morrerem? Morrerá também com elas o saber. Para isso não acontecer é necessário uma regulamentação que venha acrescentar de fato uma ação comunitária empenhada e comprometida de fato com a cultura material local, a fim de mantê-la viva e pulsante. Infelizmente a incompreensão a respeito dessa necessidade se reflete no descaso, abalando existência dessas mulheres em conduzir esta técnica para as próximas gerações.

Em Uberlândia a Feira realizada pela Associação dos Artesãos devolve à figura deste o seu mérito acompanhado pelo lugar de destaque agora conquistado. A praça é o local onde ele expõe o fruto de seu trabalho, tem contato direto com seu público consumidor, as pessoas passam a conhecer sua atividade, o que antes não era possível, pelo fato do artesão não dispor dessa visualidade que a Feira possibilita, uma acessibilidade impossível se estivesse sozinho, desvinculado dos outros artesãos.

O artesanato continuamente ganha status e valorização como podemos notar em algumas regiões do Brasil:

Uma das formas de arte popular e de artesanato mais desenvolvidas no Brasil. Nas feiras e mercados do Nordeste, os bonecos de barro reconstituem personagens do cotidiano. Os mais conhecidos são os de Mestre Vitalino (1090-1963), pernambucano que ajudou a dar fama à feira de Caruaru, onde, segundo o baião de Luís Gonzaga, "de tudo que há no mundo, nela tem pra vendê". Outros ceramistas de renome em Pernambuco são: Manuel Eudócio, Zezinho de Tracunhaém e alguns dos filhos e sobrinhos de Vitalino. O Vale do Jequitinhonha (MG) também tem cerâmica de características próprias: em

*geral, grandes bilhas em formato de mulher com as mãos na cintura, formando vãos por onde passa o ar, que mantêm a água fresca*²².

A mão significa para o homem a possibilidade de materializar aquilo que foi projetado pelo cérebro, a partir desse momento a mão adquiriu caracteres fundamentais para romper barreiras, a mão criadora, transformadora, dando novos rumos à história humana. Em se tratando da relação social entre os homens, e seu tratamento no que tange à natureza, constatamos uma modificação profunda, que veio permitir ao homem a criação de meios mais elaborados e mais práticos na sua existência. O Brasil enquanto um país agrário, tinha uma influência marcante desta produção muito presente no modo de vida rural. A utilização de madeira, argila, fios e fibras eram uma prática incorporada no cotidiano.

No Brasil tivemos na primeira metade do século XX alguns estudos relevantes acerca do artesanato produzido aqui. Lina Bo Bardi em sua obra: Tempos de Grossura: “O design no impasse”, interrompido pela ditadura em 1964, somente fora retomada na década de 80, com o fim da censura. Revela a arte praticada na Bahia, e em todo Nordeste. Embora ela fosse italiana, com o seu olhar perspicaz, reconhece a vida, onde muitos de nós brasileiros só enxergávamos a miserabilidade de um povo incapaz de criar:

*O reexame da história do país se impõe. O balanço da civilização brasileira “popular” é necessário, mesmo se pobre à luz da alta cultura. Este balanço não é o balanço do folklore, sempre paternalisticamente amparado pela cultura elevada, é o balanço “visto do outro lado”, o balanço participante. É o Aleijadinho e a cultura brasileira antes da Missão Francesa. É o nordestino do couro e das latas vazias, é o habitante das vilas, é o negro e o índio. Uma massa que inventa que traz uma contribuição indigesta, seca, dura de digerir*²³.

A sociedade contemporânea assentada no trabalho, sucessivamente diminui seus postos de emprego, pois a produção neste momento é orientada por uma alta tecnologia empregada pelas grandes empresas, em decorrência disso dispensam grandes contingentes de trabalhadores. Em função disso me detive alguns meses percebendo e analisando as alternativas encontradas pelas pessoas para manterem sua sobrevivência num contexto tão dispar. Caracterizada por uma desigualdade social alarmante, impossível de não ser notada no cenário urbano, revelando um crescente número de

²² www.conhecimentosgerais/culturapopular/artesanato.html. Acessado em 03/08/2004.

²³ BARDI, Lina Bo. Tempos de Grossura: O design no impasse. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1994, CÂMARA, João – Originais Modelos e Réplicas. p.12

desprovidos de emprego e, conseqüentemente, também das necessidades mais elementares à existência humana, como moradia e alimentação.

Visualizamos melhor esta situação de desemprego generalizado com a pesquisa que se segue:

Pesquisa Datafolha, feita entre 19 e 21 de novembro de 2001, realizado em 126 municípios de todos Estados do país, ouviu 2578 pessoas. Entre 1996 e 2001 o percentual de brasileiros com 16 anos ou mais que se declaram sem ocupação e buscando emprego saltou de 4% para 11%. Projetando-se esses valores para o universo da população pesquisada, vê-se que o número de desempregados foi triplicado, de cerca de 4 milhões para 12.760 milhões.²⁴

Identificando alguns grupos na cidade de Uberlândia, me chamou a atenção àquele dos artesãos, que se organizam numa feira para promover a venda de seus produtos. Este sujeito atua sobre sua própria história a partir das condições históricas que este encontra, faz política, não da forma como entendemos ligadas às instituições do Estado, mas através de várias práticas, disseminadas em diversas instâncias da sociedade. É neste espaço que estes trabalhadores encontraram um local para sua colocação, desenvolvendo sua forma própria de atuar conjuntamente.

O trabalho manual encontra seu lugar mesmo quando impera o consumismo, caracterizado pela massificação, tudo se transformando em mercadoria, ganhando ou não seu valor no mercado. Com o produto do trabalho manual não se dá de forma diferente, obviamente este artesão busca condições para viver de forma digna, comercializando seu produto. Mas há uma transformação sem precedentes em relação à indústria. Um pequeno número de operários basta para operar as máquinas de uma fábrica. Esta nova característica do mercado implica em perdas exorbitantes aos trabalhadores. Estes por sua vez marginalizados neste processo, vão viver de bicos, caem na criminalidade, e outros se reagrupam, como é o caso dos artesãos, para encontrarem uma posição no competitivo mercado de consumo

O produto artesanal se distingue do produto industrial, pois ao contrário deste não é padronizado, nem é feito em série, característica marcante da indústria. Manuseado pela mão do homem, são impressas características inspiradas na cultura do

²⁴ Toledo, José Roberto de. Desemprego triplica, emprego bom cai 35%. In: www.uol.com.br/fsp/especial/fj2403200202.htm (acessado em 03/04/2003)

artesão e do consumidor . Os homens se identificam com este tipo de produto, podendo ser utilitário ou um adorno.

Demonstrando que o mercado é diversificado, heterogêneo, o artesanato abre inúmeras possibilidades de atuação. A questão não é pretender resgatar valores passados, mas oferecer condições propícias que comportem as diversidades desta sociedade. Para que as coisas não se reduzam simplesmente à função de mercadorias, mas ganhe um sentido mais amplo, não seja somente lógico, mas ganhe um colorido a mais pela simplicidade que envolve o artesanato e ao mesmo tempo estabeleça uma relação mais íntima com aquilo que se produz, para que o indivíduo possa se reconhecer no seu trabalho: “Corto, bordo, monto, faço crochê ou macramê. Eu que faço tudo. Vivo desse trabalho.”

Entendo a profissionalização das pessoas como artesãs como uma ocupação rentável que possa vir a garantir a sobrevivência de inúmeras pessoas. Obviamente isto não vai resolver o problema que mais assombra os trabalhadores, o desemprego, mas deve ser entendido como uma alternativa, dentro de um conjunto de ações que podem vir a serem tomadas para propiciar uma vida mais digna aos trabalhadores, como a tecelã Zanita Rosa de Souza, que se dedica exclusivamente a esta profissão:

Com 25 anos vim pra Uberlândia e comecei a tecer, em 1979 comecei a vender meu trabalho na feira, já passou por diversos presidentes e eu to aí. Fazia muito pano em casa e agora teço roupa. Vivo desse trabalho. A feira é assim com muita gente se torna boa, fica mais animado, mais chamativo, fica melhor²⁵

Já que uma transformação completa do sistema para banir completamente toda desigualdade social, nos parece pouco provável, viabilizar meios no seio de contrastantes cenários de pobreza e riquezas, nos parece uma medida para ser promovidas pelo poder público e demais organizações. Estes devem estar imbuídos de um comprometimento com a transformação concreta da vida humana, que os interesses em jogo não sejam meramente de viés econômico, mas que sejam, antes de tudo, comprometidos com os interesses humanos.

²⁵Zanita Rosa de Souza, tecelã associada à Associação dos Artesãos desde sua fundação. Entrevista 17/12/2004.

A criação da Associação dos Artesãos, segundo seu presidente, José Alencar, tem 25 anos:

Um grupo de pessoas tinha dificuldade de vender os produtos deles nas praças, né. Aí causa das dificuldade, eles resolveram fazer uma associação que teria melhor atenção por parte do poder público. Quando dessa dificuldade eles fundaram associação. A partir daí eles começaram ter mais atenção por parte do poder público, né? Tinha uma casa que eles trabalhavam, vendiam os produtos deles. Daí que surgiu a idéia de fundar associação²⁶.

Após sua fundação, no decorrer desses anos a Associação vem ganhando espaço, a venda é efetuada diretamente pelos artesãos aos seus consumidores. Gradativamente estes vêm ampliando, assim, os locais para atingir o público da cidade. Desde então a feira ganhou notoriedade nos espaços públicos. Primeiramente na praça Tubal Vilela, onde esteve até 1991, posteriormente foi transferida para praça Clarimundo Carneiro, lugar no qual permanece um grupo que trabalha diariamente até hoje. A presença do artesão na praça, confere a este uma colocação de destaque no cenário urbano, e também o reconhecimento do poder público que lhe concede este espaço. Constatamos que apesar de haver uma relação entre a instância pública e a Associação dos Artesãos, esta se processa não de forma dócil, mas percebo em diversos momentos que os artesãos se sentem carentes quando se trata de um apoio mais participativo, que ajude a promover o seu trabalho. Sobre isto o depoimento da artesã Ilze Fulanete:

A prefeitura não apóia em nada. Taxa de solo, segurança, tudo é pago pelos artesãos. Uberlândia é gosado, o povo vem de fora e expõe, eles dizem que os artesãos iam se acomodar, e não iam sair mais da praça, mas não é o que acontece, eu entendo e concordo com eles que a praça não pode ficar sempre ocupada, nós fazemos uma feira, acontece de vez em quando²⁷.

Este perfil de trabalhador que se destaca na praça, deve-se a uma organização que se institucionalizou na associação para buscar formas de comercializar o fruto de seu trabalho. Demonstrando a união de um grupo que se constituiu com um objetivo específico de vender um aglutinado de coisas, hoje é considerada um serviço de utilidade pública, e mais recentemente recebeu o título de honra ao mérito da Câmara Municipal de Uberlândia (**ANEXO 3**). Além dos objetos confeccionados artesanalmente, a Associação congrega uma área destinada à alimentação. No mesmo

²⁶ José Alencar da Silva, presidente da Associação dos Artesãos de Uberlândia. Entrevista realizada 27/102004.

²⁷ Ilze Fulanete. Entrevista citada

espaço, a Universidade Federal de Uberlândia realiza, através da sua Diretoria de Cultura, uma vez ao mês, o programa chamado: “Domingo na Praça”.

Esta exposição se constitui a de maior notoriedade realizada pelos artesãos e acontece na praça Sérgio Pacheco aos domingos, na Feira da Gente. Esta feira teve seu início em 03/09/2002. Entretanto sua fundação não tem ligação nenhuma com a Associação dos Artesãos, pois foi fundada pelas “Mulheres de Negócios”, ligadas ao Clube de Diretores Lojistas de Uberlândia (CDL). O projeto foi idealizado por Liza Luz, Marisa Carrijo e Rosana Derbis. Estas contaram com o apoio do então secretário de comércio e indústria Edson Zanata. Após um ano e meio, as Mulheres de Negócio deixaram a Diretoria, e foi constituída uma Associação. Só posteriormente a esta é que entra a Associação dos Artesãos na administração desta. Das vantagens proporcionadas pela Associação:

O local para trabalhar, além do lugar pra trabalhar. Dinheiro emprestado para comprar algum material a Associação fornece, sem cobrar juros. Também a gente sendo associado não enfrenta problema com fiscal, problema com prefeitura, porque é tudo legalizado. Então a gente é mais reconhecido do que um camelô, porque um camelô não é associado, não tem nenhum vínculo com a sociedade, e o associado sim, tem uma segurança maior. Os benefícios são esses²⁸.

A feira trouxe consigo a freqüente presença de pessoas que estavam afastadas do espaço público, a ocuparem novamente este local. Assim notamos famílias com suas crianças, de volta à praça, um local de lazer e entretenimento e comércio. Função que havia se perdido em virtude do aumento da criminalidade nestes locais, além de outros motivos, como a presença do shopping, que passa a configurar o local que concentra o lazer, no cenário urbano da cidade. Sem dúvidas, a presença da feira dos artesãos na praça está exercendo uma influência na vida cultural da cidade, em proporções reduzidas, é verdade, se compararmos ao um shopping da cidade, mas a feira proporciona: ...”na mercadoria, não apenas uma maneira de por as pessoas em relacionamento como também uma lógica, uma linguagem, um mundo.”²⁹

De acordo com o presidente da Associação o Sr. José Alencar, os artesãos tiveram a sugestão da Polícia Militar para realizarem a feira em outras praças, a fim de afastarem a presença de marginais destes locais. O que existe de inovador nestas

²⁸ Moarlem Dormelis, artesão que integra a Associação dos Artesãos. Entrevista realizada 20/10/2004.

²⁹ LEFEBVRE, Henry, op. cit., p.128.

práticas adotadas neste grupo de trabalhadores é o seu agrupamento a fim de conquistarem coletivamente uma visibilidade, através das formas possíveis com as quais estes se depararam. Provando o poder de grupo, quando o pensamento contemporâneo se volta com grande incidência para interesses individuais, ou seja, aspirações voltadas a fins específicos, preconizando abertamente as relações sociais entre os indivíduos.

O trabalho artesanal geralmente é doméstico, se desenvolvendo com o auxílio de familiares ou não. No caso do Sr. Darci a oficina fica na sua própria casa:

Lá em casa é todo. As pulseiras, minha mulher fura as sementes e as madeiras eu compro pronto, mas se for para fazer eu faço, eu não faço porque eu não tenho a maquininha. Eu compro ela pronta, sai mais barata para mim, do que se eu fazer uma máquina. Nós trabalha em família, só tem um filho que ele trabalha com pintura de carro por fora, mas eu, a mulher o outro filho e agora a neta que tá lá em casa, trabalha tudo em casa³⁰

A matéria-prima trabalhada pelo artesão é obtida em grande parte na localidade em que este vive. Manejando o material que tem a seu dispor, e recorrentemente sai para ele de graça. Por isso, minimamente ele deve conhecer os recursos naturais existentes na região. Outra fonte, que cada vez com freqüentemente explorada pelos artesãos, são os materiais recicláveis com um pouco de criatividade aliada às mãos hábeis dos artesãos dá formas a objetos que antes era só uma montanha de materiais sem utilidade alguma.

Agora mesmo tava montando colar de hippie. Um colar de hippie de dente. Aqueles que os hippie faz com dentão pendurado. Limo os dentes lá em casa. Boto pra dissolver com solda 2, 3 dias. Dente de porco, de cavalo, de vaca qualquer um serve, de cachorro. A gente panha muita coisa na rua, recicla demais, isso aqui a gente tanto aproveita retalho, como compra. Isso aqui é feito dessas madeirinhas de caixotinho de uva, coixote de alho³¹.

Para ser integrado na Associação, o interessado deve passar por uma prévia seleção, os produtos que já tem em determinado número que a diretoria considere que já esteja saturado na feira, não é permitido mais o ingresso de associados que produzam o mesmo tipo de mercadoria. A Associação possui prestígio pela sua atuação entre os seus associados, o presidente tem papel de atuar em defesa destes, assume uma maneira de conduzir a administração que leve em conta os interesses do grupo, por exemplo,

³⁰ Warci Miranda Brito, artesão da Associação dos Artesãos. Entrevista realizada 24/11/2004.

³¹ Warci Miranda Brito, entrevista citada.

combatendo a comercialização de mercadorias que não são confeccionadas à mão, bem como a presença de pessoas que por ventura venham comercializar o produto que seja na feira sem ser associado. Em relação à atuação da Associação, o presidente Sr. José Alencar relata:

*Graças a ela tem espaço, graças ao documento que ela fornece o artesão tem isenção de muitos impostos, que normalmente teria. E outra, tem uma organização que protege, né? Qualquer coisa a gente tá defendendo eles. Uma coisa que os ambulantes clandestinos não tem. Graças a Deus, graças à Associação, ninguém vai lá e tira a gente.*³²

Embora no estatuto da Associação dos Artesãos de Uberlândia, o seu regimento se refira somente aos artesãos, com exigências contidas nestes no capítulo 2 (anexo 4), os quais nos fazem compreender que esta seja constituída especificamente por artesãos, não explicitando nenhuma cláusula sobre os comerciantes que também atuam nesta, na prática, estes atuam na feira da mesma forma que os artesãos. Contudo, nos fazem compreender que as regras compostas pela associação, são até certo ponto maleáveis. Talvez a incorporação de comerciantes juntos a esta se deva ao fato de obter um aumento na arrecadação de mensalidade. A este respeito, fala o artesão Moarlem Domelis:

*No Estatuto fala que não, mas só que como é muito complicado, entendeu, então às vezes você pode fazer um trabalho e passar pra mim vender pra você. Então às vezes o pessoal compra algumas coisas, tipo roupa, se for considerado artístico, sabe, folclórico pode ser vendido.*³³

A associada Ilze defende o caráter de artesanato que deve possuir a feira. “Ela é artesanal, todos produtos que tem aqui são feitos à mão”.³⁴

O fazer à mão esta imbricada em muitos dos entrevistados na forma como se desenrola sua vida cotidiana, o artesão Warci Miranda Brito é um exemplo, desde criança confecciona seus próprios brinquedos. O artesão Lobo iniciou o aprendizado com sua mãe.

³² José Alencar da Silva, presidente da Associação dos Artesãos de Uberlândia. Entrevista realizada 27/10/2004.

³³ Moarlem Dormelis, entrevista citada.

³⁴ Ilze Fulanete, Artesã, expositora na Feira da Gente, participou do processo de formação desta, mais tarde integra à Associação dos Artesãos. Entrevista concedida à autora em 17/12/2004.

Até hoje, a noção de artesanato passa muito pelo exercício de uma tradição peculiar, mas a existência dessa prática nos dias de hoje recebe um tratamento específico com fim comercial, não podemos enquadrá-la neste aspecto, como já mencionado o artesanato está ligado à conjuntura pertencente à época na qual se desenvolve. Não vamos diminuí-la a com pensamento conservador de uma tentativa frenética em “resgatar” o passado. Mesmo porque ela não deixou de existir, nesta conjuntura na qual o desenvolvimento industrial, o artesanato tem seu espaço. A produção industrial que é sem sombra de dúvida uma conquista, tão pouco pode ser remetida em algum aspecto à liberdade, pois estas mercadorias nem sempre estão ao alcance de todos. O fazer com as próprias mãos acompanha o homem ao longo dos séculos.

Também não podemos destacar a atividade, e generaliza-la como ligada essencialmente à forma de vida e tradições, porque ela está mais atrelada à necessidade. Assim não sejamos românticos a ponto de apreender o artesanato como ingênuo e desprovido de interesses. Sua incorporação no cenário urbano se dá integrado a precarização do trabalho. Segundo o IBGE o Brasil congrega 8.500 milhões de artesãos, um número que não pode ser desprezado³⁵.

O SEBRAE, vem se tornando um grande instigador da produção artesanal, fornecendo instrumentos capacitadores para fazer sobressair no mercado os artigos feitos à mão. Oferecendo perspectivas mais apuradas, para que o artesão possa gerir sua produção, respeitando prazos de entrega, calcular custos, para não ocasionar uma oscilação dos preços. Dessa forma atenderão com maior eficiência seus compradores. A partir deste projeto, os produtos estão sendo exportados, e ocupando prateleiras de lojas e supermercados. Por isso é exigida deste segmento uma estruturação para sua eficiente atuação no mercado. O SEBRAE está atuando com este programa em diversas cidades brasileiras, assumindo compromisso de conduzir as pessoas para conquistarem um lugar na vida econômica. Unindo renda e ocupação, representa uma transformação capaz de modificar de modo positivo à vida dessas pessoas, a partir de coisas simples, que já estão presentes nos elementos naturais da vida de comunidades de todo país, a seguir cito como o projeto pensa o artesanato brasileiro:

³⁵ Dados recolhidos pela autora no telejornal Bom Dia Brasil 24/11/2004

Artesanato Expressão singular do patrimônio cultural brasileiro, o artesanato resulta de saberes acumulados por gerações em diversas comunidades organizadas em territórios por todo o país. Estes grupos, depositários de técnicas transmitidas por gerações, são profundos conhecedores dos recursos naturais existentes em suas regiões.

Capazes de transformar este conhecimento em objetos inspirados em seus valores e visão de mundo, mulheres e homens criam e reinventam uma das formas mais singulares de representação da identidade nacional.³⁶

O SEBRAE constituiu um curso que visa primordialmente à capacitação do artesão para gerir a sua produção, respeitando prazos de entrega e fornecedores de matérias-primas, uma necessidade já apontada por Pereira em 1979: *Praticamente nenhum critério de planejamento e controle de produção, sobretudo no que tange ao cálculo reais para a sua colocação no mercado*³⁷.

Deste preceito podemos concordar que diante da exigência a respeito de prazos de entrega, já não cabe a realização de uma atividade desorganizada, mas sim concordante com as exigências do seu mercado consumidor.

*Se mais do que constatada, não há porque ser negada a coexistência do Artesanato com a Indústria, a competição desfavorece à produção artesanal na razão direta em que ela se processa desorganizada e por meios empíricos, inclusive de comercialização*³⁸.

Para ampliar mercados, é imprescindível se adequar às suas normas. A organização sobre o artesanato, não se encontra no grau de desenvolvimento a que chegou a produção industrial. Para minimamente para alcançar mercados antes inexplorados, como lojas e supermercados, é preciso uma reavaliação sobre como efetuar reformas para obter um resultado satisfatório nesta empreitada de tornar os produtos resultantes do processo artesanal vendáveis, não só pela sua originalidade, mas também por se adaptarem às novas circunstâncias dadas nesta sociedade.

Ao se debruçar sobre a temática do artesanato Lina Bo Bardi, chega dizer que tudo isso irá se perder, como a admitir o esvaziamento de sentido atribuído pelas pessoas a esta cultura material. A respeito disso, ela diz:

Não existe um artesanato brasileiro importante. Não existe um artesanato importante em nenhum país do mundo que esteja no estágio de civilização industrial, independente do grau de desenvolvimento atingido. A organização

³⁶ op. cit. WWW.sebrae.com.br

³⁷ PEREIRA, Carlos José da Costa, op. cit. p.109.

³⁸ Idem, p.128.

*social artesanal pertence ao passado, o que temos hoje são sobrevivências naturais em pequena escala, como herança de ofício*³⁹.

Defendendo a produção e estudando-a, Lina possuía o modelo europeu como parâmetro em suas análises. Mas não podemos ignorar que as circunstâncias encontradas na Europa são peculiares, assim como as condições sobre as quais se desenrolam no Brasil são totalmente adversas com características próprias.

Walter Benjamin chama de resíduos as práticas presentes em épocas passadas, e ainda se encontram em pequenas escalas no presente. Embora, o fato é que há um aumento significativo desta produção, e sua aceitação tem mercado crescente. O fazer à mão esteve muito ligado ao cotidiano das pessoas, em suas atividades corriqueiras, faziam-no para o consumo próprio, com os elementos naturais encontrados no próprio lugar em que viviam. Neste momento histórico que vivenciamos devemos indagar e reformular os conceitos que permeiam a questão da produção artesanal. Em busca de novas trincheiras para a compreensão da temática sob as interferências que atuam sobre esta.

Como mais um exemplo das dificuldades de trabalhar com esta atividade, citamos o depoimento de Marcos Antônio de Oliveira que já esteve envolvido em

projetos na cidade para promover o artesanato. Atualmente ele participa de um projeto no Núcleo do Parque Santa Luzia, aberto para comunidade. Porém, o projeto se realiza em condições precárias. Segundo ele, o intuito do projeto não está em profissionalizar, mas não deixar que caia no esquecimento a capacidade criadora, que era uma prática cotidiana no passado, de transformar materiais em objetos, combatendo o comodismo do consumismo de comprar tudo pronto. O maior entrave encontrado para efetivação dessas idéias é a falta de subsídios. O espaço dentro do parque foi conquistado com muita luta pela comunidade. Pois antes da existência do núcleo era somente um local abandonado, as pessoas utilizavam para jogar lixo. A respeito do projeto, relata:

A princípio a gente tenta fazer reciclagem mesmo, de aproveitar coisas que tão jogadas próximas da gente, até coisas que tem aqui. Por exemplo, folha de buriti, frutos, essas coisas. No caso de uma oficina de brinquedos que já foi desenvolvida aqui, a gente procura sempre colocar materiais que são descartados pela população e através desses materiais que são descartados

³⁹ BARDI, Lina Bo.op. cit. p.26

pela população e através desses materiais a gente desenvolve trabalhos manuais que contam uma história de brinquedos feitos por crianças antigamente. Elas pudessem fazer seus próprios brinquedos sem comprar nada. Fazendo com coisas que tinham. Hoje você não vê isso mais, só pegam as coisas prontas. São coisas simples que caem no esquecimento e as pessoas não ligam mais⁴⁰.

O artesanato é algo intrínseco a existência do homem, podendo vir assumir um caráter educativo, se transformar em fonte de inspiração para as gerações mais novas, no caminho da aprendizagem. Constitui-se uma proposta desafiadora para o ensino tradicional. Partindo de fatos concretos para a construção do saber, provocando o aprendizado ao envolver os alunos neste processo. Como sugere Rubem Alves:

Em cada material habita um mundo inteiro de segredos da matéria e de técnicas de artesanato. Os tecidos. Os teares. As agulhas e as costuras (coisa utilíssima, aprender a pregar botões!). Meus professores tentaram me ensinar física ótica sem nunca me ensinar que espelhos, lentes, caleidoscópios, lunetas e periscópios são brinquedos divertidos. Aprendi isso construindo meus próprios brinquedos, na minha casa. Giambatista Vico (1668-1744) disse que só podemos compreender aquilo que nós mesmos construímos. (E ainda há gente que pensa que construtivismo é coisa nova!). Sugiro que os pais, em vez de darem de presente para seus filhos videogames idiotas e carros movidos à pilha, comecem, com eles, a montar uma oficina polivalente⁴¹.

A efetivação do projeto demonstra que a viabilidade é possível e instigante, mas os frutos advindos de projetos como este que focalizam a cultura são pouco valorizados, porque é um processo longo, e seu resultado aparece em longo prazo. Entretanto já significa um começo, e esperamos que este foco venha representar um

redimensionamento sobre como a criatividade humana pode atuar para além do mundo da mercadoria. Para isso é preciso planejar e disseminar projetos deste tipo. Fazendo da experiência de fazer um prazer que retome hábitos de criar, ato que nos torna sujeitos específicos, e não somente compradores de mercadorias. Reforço esta afirmação com a seguinte citação: ...”objetos – na maioria supérfluos – pesam na situação cultural do país, criando gravíssimos entraves, impossibilitando o desenvolvimento de uma verdadeira cultura autóctone”.⁴²

Esta afirmação nos remonta a incorporação dócil do país aos modelos importados, sempre copiamos modelos já prontos, sempre depreciando o que é nacional.

⁴⁰ Marcos Antônio de Oliveira. Entrevista citada.

⁴¹ ALVES, Rubem. Sobre cebolas e escolas. In: Tempo e Presença. Ano 23 nº315, janeiro/fevereiro 2001.

⁴² BARDI, Lina Bo. Op. cit. p.11

Assim, Lina Bo Bardi propõe uma reforma ampla para rever tudo isto, para que o país se volte para o nacional. Mas mesmo ela enxergava com pessimismo a execução de tamanho projeto. E hoje com a expansão da globalização, com o rompimento das fronteiras, tudo se internacionaliza:

O esforço contra a hegemonia tecnológica, que sucede no ocidente, e o “complexo de inferioridade tecnológico” no campo das artes, esbarram na estrutura de um sistema: o problema é fundamentalmente político – econômico. A regeneração através da arte, credo de Bauhaus, revelou-se mera utopia, equívoco cultural ou tranquilizante das consciências dos que não precisam. (Lina Bo Bardi, p.13)

“Não existe um artesanato brasileiro, existem produções esporádicas. O Brasil está obrigado a enfrentar o problema da verdadeira industrialização diretamente. As corporações artesanais não entram em sua formação histórica”.⁴³ Considerando-se que o Brasil não passou pelo processo histórico peculiar à Europa, esta afirmação de Lina Bo Bardi merece uma análise mais detalhada, aqui esta produção possui significados múltiplos, pois o seu processo de formação advém de contribuições culturais distintas, como dos índios, negros e europeus, mais especificamente os portugueses. Diante dessa especificidade não podemos desprezar a produção que não constituiu uma organização, e por isso esta é tão frágil. Mas vamos reconhecer nas mãos hábeis dos artesãos as influências a que estão sujeitos. Sem negar, é claro, que as várias deficiências estruturais como a falta de financiamento emperra muitas vezes o seu desenvolvimento. A saber, Lina Bo Bardi verifica através de seu trabalho sobre a produção existente no nordeste, como práticas isoladas, mas isto não quer dizer que não exista um artesanato brasileiro:

No Nordeste existe, se queremos continuar a usar a palavra artesanato, um pré-artesanato, sendo a produção nordestina extremamente rudimentar. A estrutura familiar de algumas produções como, por exemplo, as rendadeiras do Ceará, ou os ceramistas de Pernambuco, podem ter uma aparência artesanal, mas são os grupos isolados, ocasionais, obrigados pela miséria a este tipo de trabalho, que desapareceria logo com a necessária elevação das rendas do trabalho rural⁴⁴.

Não tomo esta afirmativa como ponto de partida para minha análise, pelo fato da autora ter outra referência para a realização do seu trabalho, além de ter se deparado com outro contexto, embora seja em pequenas escalas há uma produção hoje a procura de uma estruturação preocupada em não deixar esta atividade cair em declínio.

⁴³ BARDI, Lina Bo, op. cit. p.28.

⁴⁴ BARDI, Lina Bo, op. cit. p.28.

O fato é que devemos considerar a expansão da atividade artesanal, mesmo que se transcorra sobre condições totalmente avessas das que gostaríamos, não vamos depreciá-la por este fato, mas chegar à fundamentação de propostas concretas para incentivar o artesanato enquanto uma ocupação geradora de renda, sabendo que esta não é a solução definitiva para o problema do desemprego, mas é uma das alternativas para aqueles deserdados do emprego. Uma proposta que remonte a reflexão para transformar esta sociedade num lugar mais justo, minimizando uma realidade cruel de miséria.

Considerações Finais

Este balanço final nos faz pensar que ainda existe uma série de desafios a serem transpostos para garantir uma existência promissora ao artesanato. Embora existam algumas ações neste sentido como aquelas realizadas pelo SEBRAE, tem muitas potencialidades que podem se expandir, estabelecendo princípios para causar o gosto e oferecer dessa maneira uma oportunidade ocupacional para os desempregados. A articulação dessa atividade com a desesperança das pessoas afligidas pelo hostil problema do desemprego, podem incentivar o desenvolvimento de mãos hábeis, no manusear materiais na criação artesanal.

O essencial para fazer com que a produção artesanal seja despertada e exercida como uma fonte de renda não está implicada em grandes financiamentos, mas muito mais num esforço político, entendendo que se trata de um compromisso social, devendo aliar recursos simples com potenciais humanos. A inovação está em incitar a capacidade criadora do homem, e como consequência disso, oferecer a perspectiva de combater as desigualdades sociais, dentro das possibilidades diminuir a exclusão, numa sociedade em que as regras conservadoras para a obtenção do lucro, fazem o homem cada vez mais individualista em suas relações.

Por isso defendo a priorização de medidas que despertem as pessoas para brigarem por uma sociedade mais justa, que possibilitem atuar numa realidade tão contraditória como a nossa, a qual é conduzida por fundamentos políticos, econômicos e sociais que enriquecem cada vez mais uma pequena parcela da população, ou seja, aqueles que dominam o controle sobre os meios de produção e sua lucratividade.

O papel do Estado e outras instituições preocupadas com a temática, não deve ser assistencialista, mas deve sim atuar desencadeando condições para a promoção do artesanato, instrumentalizando o artesão, para que este possa trilhar seu caminho, levando-o a dispor de uma consciência responsável sobre sua ação. Pois é preciso que o artesanato não esteja somente submetido aos interesses do mercado.

O cerne da questão é justamente vislumbrar, mesmo numa sociedade desigual, uma realidade menos dura, que pelo viés do exercício de uma profissão, haja a elevação

da auto-estima do trabalhador simples, provando a capacidade de comunicar através de seu trabalho a superação de obstáculos promovidos pelo capitalismo.

Assim, o desemprego deve ser superado com iniciativas ousadas, que permitam a implantação de medidas alternativas, que traspassem o mercado formal, no esforço de oferecer outros fundamentos para as práticas de trabalho. Utilizando mecanismos simples e eficazes poderemos se não resolver, certamente amenizar o problema do desemprego que aflige as pessoas.

Apesar de existir atualmente um movimento dentro da sociedade de revalorização do produto advindo do artesanato, este ainda atua sob diversas limitações. Especialmente em Uberlândia não há uma política que direcione uma atenção especial ao artesanato. É imprescindível que para sua continuidade haja a conservação do saber, e a garantia da sua multiplicação, através de cursos de capacitação, possibilitando a estes aprendizes uma oportunidade de conquista de um espaço para a divulgação de seu trabalho, se constituindo um esforço em atacar as desigualdades sociais. Porém somos sabedores de que as desigualdades não podem ser suplantadas por completo, pois a estrutura do sistema atual não permite, mas entendemos que é plenamente possível tornar a existência dos homens simples mais digna.

A ênfase dada por este trabalho ao problema do desemprego, possui razões bastante definidas, posto que esta seria a principal causa da busca de outras atividades geradoras de renda, dentre elas estaria o artesanato. Consequentemente, este pode ocupar um lugar importante na vida econômica das pessoas que venham adotá-la enquanto uma profissão. A intenção é que esta não se reduza apenas ao fator econômico, uma simples ação de fazer, por fazer, mas sim, a partir repensar suas práticas cotidianas, redimensionando a forma como este trabalhador apreende o mundo que o cerca, para não cair no reducionismo de reproduzir a estrutura de exclusão vigente, mas quebrar as regras estabelecidas pelo mercado, adotando uma postura crítica em relação aos acontecimentos do mundo e em sua própria vida. Entendendo que o seu trabalho não é só destinado à obtenção de uma mercadoria, mas que é através deste que irá contribuir para a mudança de valores sobre a significação do que é trabalho. É dessa forma, reavaliando a estrutura já pré-concebidas as quais exercem um domínio sobre o trabalho do homem, que estes despertarão para uma realidade mais justa.

Anexo 1

Formulário Síntese de Projetos.

Divisão/Setor: **DICULT/DICAR/SEMCS**

Nome do Projeto: **Projeto Oficina de Brinquedos**

Síntese do Projeto:

O Projeto Oficina de Brinquedos tem como meta resgatar o saber artesanal daquelas pessoas que dominam o ofício de fazer brinquedos, valorizando com isso, o fazer artesanal, o brinquedo e o ato de brincar.

A idéia de desenvolver o projeto vem da necessidade de discutir a produção artesanal de brinquedos e também a Cultura Material do nosso município, que se encontra esquecida no que se refere à valorização de nossas matrizes culturais.

Data prevista: **Março a novembro**

Público Alvo: Crianças e Adolescentes

Valor Total do Projeto: R\$ 6.845,00

Formulário Síntese de Projetos.

Divisão/Setor: **DICULT/DICAR/SEMCS**

Nome do Projeto: **Natal, natais no Cerrado.**

Síntese do Projeto

O Projeto Natal, natais no Cerrado tem como meta possibilitar uma releitura simbólica das manifestações natalinas, bem como a valorização da "Cultura Popular", dando especial atenção ao artesanato e procurando aproximar as consciências coletivas da realidade do Cerrado, o que seria de fundamental importância para o surgimento de uma "identidade Cerradiana", com isso, pretende-se produzir uma política Cultural que amenize os efeitos da massificação, produzida pela nova ordem mundial.

Outra meta desse projeto é de aproximar a população das questões relativas ao Cerrado, tanto no sentido simbólico, identidades culturais, quanto no sentido ecológico de preservação sincretizando os festejos natalinos e acrescentando novos símbolos sem criar embate com os antigos. O que chamamos de "Natal Antropofágico" socialmente engajado e simbolicamente, mais rico.

Data prevista: **Dezembro de 2002**

Público Alvo: Crianças e Adolescentes.

Valor Total do Projeto: R\$ 13.000,00

Divisão/Setor: **DICULT/DICAR/SEMCS**

Anexo 2

Mesmo aquilo que já foi elaborado, terminado, e se oferece ao consumo, inclusive como coisa dada, porque ninguém sabe porquê. Assim mesmo, conta nas relações de trabalho. Um produto aparece como ponto de chegada de uma linha de produção - é lâmpada elétrica que Vam de Velde julgou uma das mais belas formas. O mesmo produto usado e “queimado”, mas conservando a mesma forma, será visto na periferia da cidade, no lixo, como matéria prima. A forma da Lâmpada servirá de depósito de querosene (energia) para iluminar um novo produto – a lamparina, o fifó, o candeeiro ou o também chamado periquito. Aquilo que num processo é ponto terminal – a lâmpada -, em outro, é ponto de partida, é matéria prima com toda a sofisticação que ela traz acristolado como produto cultural. Isso, de certo modo, mostra uma outra faceta àqueles que vêem o próprio ser humano como matéria prima, como pura quantidade e recurso natural. Talvez esteja aí também a “lei das compensações universais”, de que falava Machado de Assis.

A lâmpada atirada ao lixo, lá em Cristalina, entre Belo Horizonte e Brasília, é coisa jogada, é lixo, é caos produzido pelo homem. E, por outro lado, quando se fala de “natureza como coisa dada”, se aceita a sua prioridade sobre o homem, o seu trabalho temporal, os seus atributos dadivosos na infinita beleza das dimensões cósmicas. As obras de arte se arrogam atributos semelhantes, se não de beleza ou tranqüila generosidade, pelo menos de um ir além do cotidiano e se adaptar as exigências de um conjunto completo, significativo, transformador e criativo.

A lâmpada, na lamparina, interessa ao consumidor da “lamparina” como lâmpada. Está ali como reservatório de vidro. Perdeu sua significação de lâmpada. Os consumidores de lâmpadas não sabiam o que fazer com ela e deitaram-na fora. O produtor que não sabia o que fazer com uma lâmpada, enquanto significando lâmpada, soube criar uma nova significação paralela. E pretendia que seu trabalho – a lamparina – fosse valorizado, respeitado, usado e consumido – pelo menos como resultado de sua atividade em organizar um pequeno universo de peças, aliadas às exigências gerais da vida, num ambiente de pobreza, mas mesmo assim, com a indispensável criatividade. Isso não consagra uma estética do lixo, uma estética da pobreza, uma estética da miséria, muito a gosto do “terceiro - mundismo”. Mostra tão somente que a área de ocupação de uma determinada maneira de organizar a distribuição, a produção e o consumo nem sempre atinge todas as parcelas da população. E isso afirma a capacidade humana do apesar de. Não justifica a pobreza, a incapacidade ou impossibilidade de trabalho socialmente necessário.⁴⁵

⁴⁵ MOTA, Flávio. In: BARDI, Lina Bo. Tempos de Grossuara: O design no Impasse. São Paulo: Instituição Lina Bo e P.M. Bardi, 1994. CÂMARA, João – Originais, Modelos e Réplicas.

- I.
- II.
- III.
- IV.
- V.
- VI.
- VII.
- VIII.
- IX.
- X.
- XI.
- XII.
- XIII.
- XIV.
- XV.
- XVI.
- XVII.
- XVIII.
- XIX.
- XX.
- XXI.
- XXII.
- XXIII.
- XXIV.
- XXV.

I. Fontes Pesquisadas

I. A. Depoimentos

Ilze Fulanete, Artesã, expositora na Feira da Gente, participou do processo de formação desta, mais tarde integrante à Associação dos Artesãos. Entrevista concedida à autora em 17/12/2004.

José Alencar da Silva, presidente da Associação dos Artesãos de Uberlândia. Entrevista realizada 27/10/2004.

Marcos Antônio de Oliveira, funcionário público, trabalha na secretária do meio ambiente no Núcleo do Parque Santa Luzia, com a realização principalmente de oficinas de brinquedos artesanais. Entrevista realizada 08/12/2004.

Moarlem Dormelis. Artesão que produz bijuterias, integrado à Associação dos Artesãos. Entrevista realizada em 20/10/2004.

Warci Miranda Brito, artesão da Associação dos Artesãos. Entrevista realizada 24/11/2004.

Zanita Rosa de Souza, tecelã associada à Associação dos Artesãos desde sua fundação. Entrevista 17/12/2004.

I.B. Documentos

Folheto: “Convite para a Cerimônia de outorga de Diploma de Honra ao Mérito à Associação dos Artesãos de Uberlândia. Câmara Municipal de Uberlândia”, 09/11/2004.

Estatuto da Associação dos Artesãos de Uberlândia.

SANTOS, Ivan. A caminho da modernidade. In: *Correio do Triângulo*, 05/09/2004, p.A2.

Toledo, José Roberto de. Desemprego triplica, emprego bom cai 35%. In: www.uol.com.br/fsp/especial/fj2403200202.htm (acessado em 03/04/2003)

Site: www.Sebraemg.com.br. Acessado em 03/08/2004

www.conhecimentosgerais/culturapopular/artesanato.html. Acessado em 03/08/2004

Bibliografia

ALMEIDA, Paulo Roberto de. KOURY, Yara Aun. “História oral e memórias, Entrevista com Alessandro Portelli”. In: *HISTÓRIA & PERSPECTIVAS*, n, 25 e 26 – jul./dez, 2001/jan./jun.2002.

ALVES, Rubem. Sobre cebolas e escolas. In: *Tempo e Presença*. Ano 23 nº315, Janeiro/fevereiro 2001. Imprensa Chip.

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

BARDI, Lina Bo. *Tempos de Grossuara: O design no Impasse*. São Paulo: Instituição Lina Bo e P.M. Bardi, 1994. CÂMARA, João – Originais, Modelos e Réplicas.

BARRAU, Jacques. “Mão/manufacto”. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 16, homodomesticção, cultura material. Lisboa: imprensa nacional – Casa da Moeda, 1989.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus Editorial 1984, 4ª edição.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1ª edição 1980. 4ª edição 1982

CRISTESEN, Erwin O. *Arte Popular e Folclore*. Rio de Janeiro: Editora Lidaador 1965, Traduzia de American Crafts and Folk Artes .

DUARTE, Cláudia Renata. “A Tecelagem Manual do Triângulo Mineiro: Uma contribuição para a história da cultura material em Minas Gerais”. In: *HISTÓRIA & PERSPECTIVAS*, n, 25 e 26 – jul./dez, 2001/jan./jun.2002.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanistas / FFLCH / USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GORZ, André. *Adeus ao proletariado. Para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

HOBBSBOWM, Eric J. *Mundos do trabalho; novos estudos sobre História Operária*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LEFEBVRE, Henry. “O direito à cidade”. São Paulo: Moraes, 1991.

MARTINS, Saul. *Arte e Artesanato Folclóricos. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais 1980*.

MARTINS, Saul. *Contribuição ao estudo científico do artesanato*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais 1973.

MATTOSO, Jorge. *O Brasil desempregado. Como foram destruídos mais de 3 milhões de empregos nos anos 90*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2ª edição, 2ª reimpressão.

MARX, KARL. ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo 1999: Editora Hucitec, 11ª edição.

PEREIRA, Carlos José da Costa. *Artesanato-difinições, o programa nacional de desenvolvimento do artesanato*. Brasília; mtb, 1979.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da Historia: Operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

TIRIBA, Lia Vargas. “Economia Popular e Produção de uma Nova Cultura do Trabalho: Contradições e Desafios frente à Crise do trabalho Assalariado”. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). *Educação e Crise do Trabalho*. Petrópolis: Vozes, 1998.

.